

ALBERTO SEXO E VIOLÊNCIA

Luciano Zajdsznajder

Texto estabelecido
por Luiza Lobo

VOLUME 3

PROSA

OS MANUSCRITOS
DE Z.

RIO DE JANEIRO
LITCULTNET

2013

ALBERTO

SEXO E VIOLÊNCIA

Luciano Zajdsznajder

Depois de ter escapado dos arroubos da juventude, todo homem que não foi acometido pelo ceticismo total em relação aos negócios do coração, percebe que certas mulheres por sua maneira de ser, pelos pequenos gestos e movimentos durante o coito, por algumas ideias que têm e também por uma razão bem inescrutável, passam a constituir o seu tipo. Que explicação se dá para isto? A verdade é que, quando encontramos uma mulher assim, nossa cabeça se transforma, temos ereções em qualquer lugar e o corpo fica sujeito a variações térmicas inesperadas e algo cruéis. Júlia não tinha sido isto para mim e depois de nossa separação, conheci muitas mulheres e de vez em quando a minha cama. Cheguei até a exagerar, encontrando-me no mesmo dia com vários grupos de duas ou três mulheres. Mas ninguém apareceu que coincidissem exatamente com o meu tipo. No entanto, ao contrário do que acontece com muita gente que fica desesperada de solidão, esta falta não me afetava realmente e eu seguia em meu trabalho e na minha vida, tendo em geral sentimentos médios e emoções suportáveis. Um dia, porém, o tipo apareceu.

Talvez se eu contasse isto há anos atrás, causaria algum escândalo. Hoje com esta alteração de costumes – as transformações culturais que deviam ser sempre o centro de nossas atenções – o que me ocorreu não causaria senão uma surpresa ligeira, incapaz de afetar o rosto do leitor a não ser por um ligeiro

afastamento dos lábios. Pois bem, o fato é que as características do meu tipo de mulher fui encontrar em um rapaz que servia cafezinho em um bar perto de meu trabalho. Levei muito tempo para percebê-lo, mas, quando o notei senti por ele uma imensa simpatia e logo, inexplicavelmente, largava tudo para dar um pulo no bar duas ou três vezes por dia. Vi que ele também ficava muito emocionado quando me via. No começo nem trocávamos palavras. Apenas uns olhares tímidos e eu notava a sua mão tremer quando ele colocava café na minha xícara.

Preciso dizer que eu levei algum tempo para entender o que estava sentindo por Alberto, era este o nome do rapaz. Todo mundo sabe que os nossos desejos amorosos, apesar de provirem do nosso fundo mais selvagem, sofrem uma transformação quando vem à superfície e os meus estavam muito condicionados pela aparência feminina. No dia, porém, em que tudo irrompeu eu já tinha aceito a ideia de que o amor deve ser respeitado, independente do seu objeto. E ao pensar assim vi que não estava, senão, ficando em dia com a vanguarda sexual do momento. Mais do que isso, eu andava até meio atrasado, pois em certos círculos a coisa já era corriqueira.

Quando começamos a namorar (houve namoro, noivado e casamento) eu estava plenamente convencido de que tinha de seguir as ordens de meu coração. No entanto, este segundo casamento também não deu certo. Não posso atribuir isso a Alberto que é uma pessoa realmente maravilhosa. Afável, sincero, educado. E quando nos tornamos íntimos, vi que esta forma de ser acentuava-se cada vez mais e eu tinha ao meu lado exatamente a mulher que sempre quis. Mesmo na cama a coisa era perfeita. Não vou entrar em detalhes a respeito, porque em parte são bastante óbvios para pessoas temperadas pela vida, que deverão constituir a maioria dos meus leitores. Quem quiser saber mais compre no jornaleiro as revistas fotográficas especializadas.

Onde vou colocar a falha? Aonde não deu certo? Não posso atribuir a culpa a nenhum de nós. Eu me dediquei à relação como a coisa mais importante da vida e o mesmo posso dizer de Alberto. O nosso namoro esteve próximo da perfeição. Nada de escândalos, ciúmeiras bestas, nem aquela coisa idiota de fugir do mundo

para viver intensamente o encanto mútuo. O noivado foi uma coisa inesperada. Nem eu nem Alberto pretendíamos dar este passo, mas foi uma exigência da mãe dele, que morava em um lote do Jardim América. Vieram algumas pessoas, principalmente da família dele. Achavam tudo tão natural e não me espantei pois Alberto já me tinha avisado. Dois primos dele também tinham ficado noivos da mesma forma, e a família acostumara-se. Melhor dizendo, para aquela família, o que importava era a felicidade de seus filhos. Lembro-me hoje ainda com alguma emoção daquela tarde de domingo. O céu estava totalmente azul e o dia não era muito quente, pois estávamos em fins de maio. Foi servido um sarapatel e na radiola era Roberto Carlos sem parar. Alberto ficou sentado no sofá da sala, do meu lado, com a sua mão pousada suavemente sobre a minha perna. Já o casamento foi bem mais tumultuado. Em primeiro lugar, houve a dificuldade de encontrar um padre de ideias avançadas para realizar a cerimônia. Quem acabou aparecendo foi um tipo que até merecia uma longa análise, que não vou fazer agora porque seria fugir do assunto. No sermão proferiu, diante de mim e de Alberto, este vestido de noiva, tanto Marx e Nietzsche quanto Jesus Cristo. Mas o problema maior foi que um dia antes do casório apareceu um senhor de uns cinquenta anos e que fora um caso de Alberto. Disse que iria nos impedir e mostrou-me um trinta e oito. Sentei-me com ele em um bar de Caxias e enquanto tomamos cerveja fiz-lhe chegar a voz da razão. Não sei o que me dá, as vezes, tenho um irresistível poder de persuasão. Seu Alexandre, era este o nome do senhor, era dono de uma oficina de concertos de bicicleta em Vaz Lobo – acabou tornando-se nosso padrinho e até comprou uma máquina de lavar roupa para nossa casa.

Já que estou disposto a contar tudo sobre esta relação, devo começar com uma confissão, antes de entrar nos detalhes. Agora, passado mais de dois anos do início deste caso, percebo que apenas por breves momentos – brevíssimos diria – deixei de ter preconceito contra o amor entre pessoas do mesmo sexo. Para mim, Alberto era uma mulher e se não tinha todos os atributos físicos correspondentes, era por um destes equívocos da natureza. Até hoje penso que não deveria ter sido

tão escrupuloso em aceitar a ideia de operação, que extirparia o que havia de excessivo e produziria a cavidade que traria tranquilidade à nossa relação. Entretanto, a sua irreversibilidade me assustava e para obter a quantidade de dinheiro necessária, seria obrigado a recorrer a amigos e a familiares. Quem iria entender? Depois, teria uma pessoa artificialmente produzida – isto não me agradava e eu tinha receio de ficar nauseado diante daquele produto da mesa de operações. Como todos aqueles que sentem o fim da relação, tenho remorsos e acho também, que muitas vezes tratei Alberto de um modo que não merecia. Era tão jovem e eu fui severo demais. Quis moldá-lo para que atingisse a perfeição e ele se submeteu inteiramente aos meus desejos. Acho que eu agia como um criminoso ao despojá-lo de sua espontaneidade. Era uma espontaneidade ignorante, de quem fora criado na Baixada Fluminense e mal aprendera a ler e a escrever. Debaixo desta ignorância, porém, havia um elemento intuitivo que captava perfeitamente a realidade mais complexa.

Se algum leitor imagina que Alberto era um tipo franzino e com uma tez branca de quem escapa do sol para não afetar uma pele sensível, devo dizer que comete um erro. Alberto era mais alto e mais espadaúdo que eu. Tinha quase noventa quilos e sua altura passava de um metro e oitenta. E tinha tudo o que costumam ter aqueles tipos com tais dimensões corporais: barba cerrada, cabelo nos braços, pernas e peito._

Bem, como encontrar o tipo feminino ideal nesta montanha de elementos da masculinidade? Só pode atestar duas coisas: o incrível delírio a que devo estar sujeito, - o que não é uma hipótese pouco razoável – ou o próprio interesse que suscitaria uma história destas. Digamos que houve delírio, mas não em excesso. Talvez o nosso caso seja mais um exemplo de que a feminilidade como a beleza está nos olhos de quem a vê. Ou é possível que eu tenha sido simplesmente logrado. Não tenho certeza neste terreno e conto esta história para me esclarecer.

Como todas as histórias, há coisas óbvias e coisas sutis. Por qual devo começar?

Acho que nosso encontro foi produzido por elementos sutis, anjos ou figuras espirituais. De uma coisa estou certo, o elemento carnal não esteve presente: a atração por um rosto que você não quer jamais deixar de ver; o encanto por um bigode farto e negro, que lhe parece com a leveza, a sensualidade de um buço feminino; o estremecimento diante daquele ligeiro movimento de beleza nua do bíceps perfeito. Tudo isto é muito pouco carnal, pois o que prevaleceu foi o encontro de olhares e principalmente a respiração uníssona. Apesar das aparências, o que nos conduzia para este encontro não era a carne, mas o espírito.

Falei em espírito embora mesmo isto seja muito difícil de demonstrar. Que fique bem compreendido: nada havia de comum entre nós, no plano intelectual. A nossa distância seria a mesma que separaria Euclides, o geômetra grego, e Araribóia. Teria sido possível um amor entre Euclides e Araribóia? Ou ambos se apresentariam como paralelas que apenas se encontram no infinito? É fácil imaginar Euclides desenhando as suas figuras nas areias de Niterói, pois foram areias como estas que receberam os versos de José de Anchieta. Seria possível imaginar Araribóia com a cabeça pousada no ombro de Euclides, enquanto este prova um de seus teoremas?

Alguém teria de ceder. Nossa distância no plano intelectual era imensa. Se tivesse sido eu quem fizesse a concessão, o nosso amor teria tomado outro rumo. Houve um acordo de vontades: Alberto queria a cultura e eu queria transmiti-la, em grandes doses, de modo que Alberto nunca mais voltasse a ser aquele que conheci servindo cafezinhos. Eu sabia que estava cometendo um crime. Depois de mergulhado no líquido da cultura, jamais Alberto suportaria mais o passado que o conteve por tanto tempo. Sei que hoje esta cultura tem recebido o desprezo de muita gente. Não acredito que quem tenha realmente recebido a mensagem da cultura despreza-a. Alberto era a massa que cabia o meu molde. Ele aceitava tomar a forma que pretendia dar-lhe e não hesitou quando eu o fiz minha esposa. Isto só teria sido possível como foi – caso houvesse à permiti-lo um encontro de almas que se identificavam perfeitamente. Em particular, no que toca a cores e

sons e, de certa maneira a sabores, a nossa identidade era completa. Ele gostava de súpia como ninguém, tendo contado isto para mim sem que eu lhe tivesse confessado antes, de modo que não disse para me agradar ou sugestionado.

Eu só me lembrava de uma pessoa que amasse tanto assim esta cor: uma colega do pré-primário, que foi a minha primeira paixão. No plano dos sons, a coincidência era mais curiosa: Alberto amava os sons que os periquitos fazem quando se encontram concentrados em uma pequena gaiola, enquanto eu aprecio muito o rumor de maritacas. Embora a identidade não seja absoluta, a proximidade é inegável. No plano dos sabores, o conjunto de semelhanças e de diferenças é mais marcante. Eis o prato que se tornou o alimento símbolo de nossa união: o sarapatel. Sem dúvida, o sangue de porco, elemento principal deste suculento acepipe, foi o ingrediente que cimentou nossa ligação. De vez em quando, ora eu, ora Alberto, chegávamos em nossa casa com um embrulho, que procurávamos disfarçar com papéis os mais diversos, e um perguntava ao outro: O que tem aqui dentro? Para disfarçar, procurávamos dar formatos mais diversos: de caixa de sapato, de bisnagas de pão, de livros. Mas depois de algum tempo, era impossível disfarçar, pois o tom de voz denunciava o conteúdo e tínhamos que parar com a brincadeira que nos tornava bem humorados a noite inteira.

E foi o sangue de porco, motivo de tantas alegrias, que me deu um grande dissabor, quase ao final de nossa relação. Poderia contar isto na ordem dos acontecimentos, de modo a causar algum suspense, pois sei que todo mundo gosta de um pequeno arrepio de surpresa. Como na minha história com Alberto, não foi o suspense o elemento fundamental, posso dispensá-lo. A situação iniciou-se em uma noite em que brigamos com muito rancor. Alberto queria ir ao Tivoli Park, andar de montanha russa e eu me opus, alegando alguma razão que não me lembro. De fato, eu não gostava de ir lá e me sentir olhado com ironia e até com desprezo pelo gerente que já nos vira subir no carrinho umas dez vezes, para nos rever minutos depois, a mim branco de susto e a Alberto, alegre e descontraído. Esta era uma das poucas situações em que não gostava de me sentir casado com Alberto. Depois, eu soube que funcionava em mim um sexto –

ou sétimo – sentido. O gerente, aproveitando-se de uma ida minha ao banheiro, fizera uma vez uma proposta a Alberto: dar-lhe-ia um ticket com validade para um ano, caso Alberto aceitasse ir à sua casa. Alberto disse-me ter recusado este presente, mas nunca me contou a história, a não ser alguns dias depois de nossa separação definitiva. Este gerente recebeu o quinhão que merecia: soube outro dia, pela televisão, que ele teve triturados os seus órgãos genitais pelas engrenagens da montanha russa.

Continuando: Alberto não admitiu a minha recusa de ir andar de montanha russa e começou a gritar e a espernear. Fui embora, batendo com a porta e passei a noite fora. Não fiz nada demais: aluguei um apartamento em um hotel da cidade onde fiquei lendo, até quase amanhecer, as memórias de um ladrão de cavalos, escrita por um vertiginoso escritor russo do século passado, recém descoberto em uma escavação feita em um campo de concentração na Sibéria e enviado secretamente para o ocidente. O livro fora proibido na época do czar. Nenhum editor no ocidente aceitou publicá-lo e eu estava lendo uma edição mimeografada. Todos gostariam de saber por que o livro não foi editado até o presente, depois do esforço de trazê-lo para o mundo ocidental. A primeira razão, presumo eu, é que o livro é ruim. Ao lê-lo na tradução francesa, em que se diz que foram feitas tentativas frustradas para melhorar o texto, pude perceber que Tupolev, o autor, não tem muita ideia do que seja um romance, embora tenha sido contemporâneo de Tolstoi e de Dostoiévski. Para dar uma ideia, vou contar um pouco do livro. É a história de um príncipe russo que se tornou um ladrão de cavalos. Mas será mesmo? Às vezes, à leitura do livro, pensa-se que é exatamente o inverso: a história de um ladrão de cavalos que se tornou um príncipe. Há momentos tão confusos, que não se sabe direito se o que está acontecendo dá-se na corte ou em uma estrebaria. Em outras passagens, em que se fala de um cavalo puro sangue que pertenceu ao czar, que fora roubado, não se consegue saber exatamente quem é o cavalo e quem é o czar. Na introdução do tradutor, diz ele que estas confusões são propositadas e que o texto é político, antecipando em mais de cem anos a literatura engajada. Não me parece aceitável esta tese. As

ideias do príncipe/ladrão de cavalos, chamado Daguilev, não são nada revolucionárias e ele considera que tantos os cavalos quanto os seus ladrões deveriam formar sociedades hierarquizadas como a russa.

Às cinco horas da manhã, abandonei a leitura e peguei no sono sem apagar a luz. Mas não consegui dormir senão por meia hora, porque se iniciou uma barulheira espantosa. Ouvi gritos e passos no corredor, abri a porta para saber o que estava acontecendo. No lado de fora, estava um rapaz com o rosto e a camisa ensanguentados. Soube logo que ele fora a um apartamento com um velho que conhecera na rua e, ao tentar conseguir mais dinheiro que o prometido, ameaçou-o recebendo em troca um balde de gelo pelo meio do rosto. Ao vê-lo caído ao chão, o velho fugiu, sem que o gerente notasse nada. Vi que o gerente fazia um curativo no rosto do rapaz que era franzino e tinha um ar de moleque. Conversei um pouco com eles e soube que o rapaz recebia uma comissão cada vez que aparecia por lá e que nunca vira um velho tão violento.

Fui dormir, pois tudo serenou um pouco até pegar no sono, pensando na rusga com Alberto. Eu ainda não estava velho, mas gostaria ardentemente de, quando chegar à idade proveniente, possuir tanta energia. Daí passei para outra ideia: a de que, com Alberto, eu entraria em uma vida sistematicamente homossexual e começaria a alugar jovens para prazeres em hotéis de gerentes compreensivos e inescrupulosos. Felizmente não avancei muito no território destes pensamentos, pois adormeci logo.

Acordei com uma enorme saudade de Alberto, pensando que eu tinha sido um idiota ao não aceitar ir ao parque de diversões. Nem tomei um café. Fui direto para casa, num esforço para chegar antes de Alberto partir para o trabalho. Embora tivesse a chave, toquei a campainha para fazer surpresa e, como ninguém apareceu, fui abrindo, para logo espantar-me: o chão estava todo sujo de sangue, que também havia se espalhado pelo corredor. No banheiro, achei Alberto caído. Quando me abaixei, ele fez uma careta e gritou que eu era um bobo alegre. Acabei rindo muito da peça que ele me pregara, achando até que eu merecera.

Acabamos rolando pelo chão, sujando-nos de sangue. O sangue, nem preciso dizer, não era de Alberto, mas de um porco, para a empregada fazer um sarapatel, nosso prato favorito, como já disse.

Acho que isso dá um pouco da ideia do que foi a nossa vida em comum. Havia, sem dúvida, humor e também muitas brigas, grandes, médias e pequenas. Poucas vezes recorremos à violência física. Embora pretenda contar a minha história com ele em uma sequência mais ou menos cronológica, relatarei de uma vez o que aconteceu de violento entre nós, como que para me livrar disto, porque de fato não foi da maior importância. Como não tivera consequências, considero isto um sinal de nossa ligação espiritual. Os dois momentos de violência foram no período de noivado, em que eu dei com uma corrente no rosto de Alberto, quebrando um dente e ferindo o seu lábio superior, que nunca cicatrizou perfeitamente – precisaria de uma cirurgia plástica, que, quando eu estive disposto a pagar, ele por orgulho, não aceitou – e o outro, já no meio do casamento, quando Alberto enfiou uma faca de carne em minhas costas e por pouco não perfurou o meu pulmão esquerdo. No entanto, estes ferimentos não fizeram senão dar-nos uma oportunidade para um cuidar do outro, demonstrando um carinho até então insuspeitado. Acho também que deram lugar a um clima de respeito mútuo, pois ambos sabíamos do que cada um era capaz.

Talvez a história da corrente seja mais interessante. Mal passara dois meses de namoro, pude descobrir uma particularidade em Alberto: ele tinha alguns hábitos estranhos, embora inofensivos. Assim, sempre que comia arroz, fazia pequenos bolinhos que pregava na parte inferior do prato ou nos pés da mesa. Ele também gostava de colecionar escovas de dente velhas, guardando as que usara desde os dez anos de idade. Só que não gostava que ninguém soubesse. Uma vez, quando em companhia de amigos, fiz referência a isto, ficou emburrado comigo por quase dois dias. Talvez o mais exótico dos seus costumes, era o de guardar as aparas de cabelos das axilas e de seu bigode. Eu achava curioso que fosse tudo para o mesmo saquinho. E ele não cortava o pelo dos sovacos, mas apenas o de um e muito superficialmente. Já os do bigode, aparava-os bem, tendo por eles, como

dizia, muita estima e consideração. Não sei bem porquê – talvez por mera implicância – comecei a fazer brincadeiras com estas manias de Alberto. Como tínhamos visto um filme em que Marlon Brando representava um oficial de exercito que roubava colherinhas e colecionava-as, disse qualquer coisa sobre as colherinhas de casa. A resposta de Alberto foi puro furor, pois entendera que eu estava fazendo alguma alusão ao desaparecimento de minhas coisas. Realmente, desde que começara a dormir lá em casa, ele sentira o efeito da diferença entre o meu modo de viver e o dele, com a mãe, no Jardim América. Nunca achei que Alberto quisesse carregar algum objeto meu. O fato é que o desequilíbrio entre nossas posses era tal que ele sentia a necessidade de repetir com frequência que não estava comigo pelo que eu tinha.

Quando fiz a brincadeira das colherinhas – que na verdade não sumiram, foi somente uma piada – ele começou a dizer que, se eu estava achando que ele era um ladrão, iria embora naquele mesmo instante. Não percebendo que o estava melindrando muito, continuei a brincadeira, dizendo que, neste caso, examinaria as suas sacolas de escovas de dentes, para ver se tinha alguma coisa que me pertencia. A resposta de Alberto foi partir para cima de mim com um jeito que me pareceu assassino. Vi que ou me defendia ou seria realmente morto. Eu tinha na mão a corrente de uma moto que eu tinha comprado e que usava muito pouco. Vi que só me restava dar uma correntada nele para acalmá-lo. Acho que não controlei a intensidade do golpe, pois quase desmaiou, tendo a corrente feito bons estragos.

Quando recebeu a correntada, Alberto parou e começou a chorar feito uma criança. Seu queixo ficou logo coberto de sangue e eu, vendo o estrago que tinha feito, corri para abraçá-lo. Tivemos de mudar de roupa, por causa do sangue, e fomos para o pronto-socorro. Lá colocaram o dente no lugar e fizeram um curativo. A cicatriz, como já disse, merecia uma cirurgia plástica, que Alberto não quis fazer, por orgulho e também por vaidade, porque dava-lhe um enorme ar de mistério. Alberto sempre reconheceu que eu fizera bem em lhe dar a correntada, porque,

caso contrário, eu teria sido morto. Aprendi, a partir disso tudo, que não devia provocá-lo, especialmente nas coisas mais delicadas.

A facada que ele me deu nas costas talvez tenha sido bem merecida. Conforme contarei detalhadamente, dediquei-me a um trabalho de desenvolvimento cultural de Alberto. Achava que ele tinha necessidade de melhor conhecer as principais obras da literatura ocidental e melhorar o seu português, além de entender algumas palavras correntes do economês. Ele não era o que chamaríamos de um burro, mas apresentava algumas dificuldades sérias em relação a determinados assuntos ou mesmo a pensar. Por exemplo: tinha uma grande dificuldade de entender o que se chama de simbólico. Quando lemos juntos o *Dom Quixote*, foi para ele quase impossível entender que aquilo representava o fim da cavalaria. Eu nunca percebi as razões destas dificuldades e acho que parte dos nossos desentendimentos devia-se ao que eu dizia muitas vezes no plano simbólico e ele entendia de forma concreta. O caso da facada foi típico. Como eu disse, estávamos mais ou menos na metade do tempo em que estivemos casados, quando, numa manhã, eu lhe propus que fizéssemos uma pequena viagem no fim de semana. Havia um desfile de carros da primeira década do século em uma cidade do interior do Estado, e, embora eu não fosse um aficionado, tive muita vontade de ver. Alberto disse que não queria ir porque já vira isto muitas vezes. Fui sozinho no sábado, diverti-me e voltei no domingo à tarde. Quando cheguei em casa encontrei Alberto e outro rapaz que eu jamais vira. Os dois estavam de sunga, deitados no tapete, assistindo televisão. Alberto nem se levantou para me abraçar, como fazia sempre. Disse qualquer coisa e virou-se para a tevê e o outro nem se dignou em virar o rosto. Senti que meu apartamento tinha sido invadido e fui para dentro com o sangue já em ebulição. De lá gritei por Alberto que nada respondeu até que eu começasse a berrar. Aí ele veio docemente até o quarto e perguntou o que eu queria. Eu disse-lhe que estava falando cinicamente comigo e que eu não admitia isto. Nunca sentira necessidade de dizer que não queria que ele trouxesse pessoas lá para casa que despertassem qualquer suspeita. Disse-lhe que não me sentia bem com isto e ele me perguntou se eu achava que eles

tinham feito alguma coisa. Respondi que o que me importava era a impressão e não a realidade e foi isto que ele não entendeu. Correu para a cozinha e de lá voltou trazendo uma faca. Ameaçou enfiar a faca no próprio peito se eu continuasse a achar tudo isto dele. O amigo também veio e os dois partiram pra cima de mim. Vi que se resistisse a coisa ficaria pior e deixei que me segurassem. Alberto e o amigo tiraram a minha roupa e amarraram-me deitado de costas na cama. Ficaram então brincando com meu sexo, com a ponta da faca e Alberto disse que deveriam cortá-lo fora. Foi então que percebi que brincava e que, para divertir-se comigo, começaram, os dois, a fingir que tinham relações sexuais. Entrei no jogo e fingi um ciúme infernal, que os dois perceberam como sendo, também, brincadeira. Daí a pouco, ríamos os três e não demorou muito, vieram e me desamarraram. Formou-se então um clima meio teatral e foi neste clima que Alberto me apresentou ao amigo, que vim a saber se tratava de um primo distante. Sempre que se encontra o nosso cônjuge com um primo distante em trajes menores, isto não deixa de suscitar desconfiança – até aquela altura do casamento, não tive sequer uma pequena nesga de ciúmes. No fundo, sempre confiara em Alberto, pois acreditava que ele me preferia sempre. E uma ou outra aventurazinha jamais chega a macular nossa coabitação.

Como disse, agimos teatralmente depois que eles me desamarraram e teatralmente fomos jantar. Alberto tinha preparado uma lasanha de camarão, que ele fazia quando me queria encantar. Parece que quando entrava na cozinha com o propósito de prepará-la, recebia o espírito de alguma cozinheira perfeita. Desta vez, a comida saiu melhor ainda e quando a elogiei, com o molho a respingar pelo queixo, Alberto fez aquela carinha que ele sabia ser a forma de apertar mais em mim o laço da adoração. O outro comensal, que parecia realmente um primo, atacou a lasanha com uma voracidade assustadora. Sei que foi, talvez, indelicado e deselegante, mas fiz um comentário a respeito desta voracidade. Um comentário construtivo, que foi o causador de tudo. Primeiro eu disse, mantendo o tom teatral, que tínhamos à mesa uma ventosa, porque a lasanha não era mastigada, mas sugada. Depois lembrei que Ghandi sempre dizia que devemos mastigar os

líquidos e beber os sólidos. Qualquer psicanalista de terceira categoria interpretaria estes meus comentários como saída atrasada da agressividade que contive quando fui amarrado. Mas o efeito do que eu disse foi enorme. O primo de Alberto cuspiu sobre a parede pedaços de lasanha e começou a fazer um discurso sobre a sua pobreza e sua origem proletária, perguntando quem era eu para lhe dar lições de etiqueta. Pensando que ele mantinha o tom dominante, tentei representar um burguês e a resposta não foi delicada. Os dois se voltaram contra mim e percebi, então, que estavam novamente dispostos a me agarrar. Corri deles e fui ao quarto, onde peguei o revólver. Agora quem estava com ódio era eu. Obriguei-os a deitarem de bruços no chão. Disse-lhes que agora iriam tomar jeito e falei a Alberto que ele tinha de ir embora, porque assim não dava mais. Ele começou imediatamente a chorar e, apesar de tudo, me penalizou. Neste momento tocou o telefone e, ao atendê-lo, distraí-me. Não sei o que deu em Alberto, que pegou o facão que estava sobre a mesa e fincou-o em minhas costas. Depois de ter feito isto, eu, ainda com a faca nas costas, Alberto ajoelhou-se diante de mim e pediu que lhe desse um tiro na cabeça.

Acabamos a noite no Souza Aguiar, tendo de inventar uma desculpa para aquela penetração profunda por um instrumento perfuro-cortante, como disse o laudo. O primo/amigo de Alberto separou-se de nós à saída do pronto-socorro e nós dois voltamos para casa. Pensando sobre o que acontecera, achei que alguma coisa estava transtornando Alberto. Ele jamais fora assim tão violento e agressivo. Perguntei-lhe o que estava acontecendo, porque vinha andando nervoso e se sabia os motivos. Pedindo-me para não rir, disse-me que estava tendo problemas de hemorróidas e temia que isto destruísse tudo de bom que havia entre nós. Eu lhe disse que o aceitaria de qualquer jeito e fomos dormir. Devido ao curativo, tive de dormir de bruços por quase um mês e não podia rir muito, senão o ferimento se abria.

Quis, como disse, destacar os episódios de violência para fazer saber a todos que com estas duas lamentáveis exceções, tivemos sempre uma convivência pontilhada de carinho e de respeito mútuo, embora coisas incomuns tenham

acontecido. Sempre que penso nesta história, divido-a em três partes: namoro, noivado e casamento.

Devo recordar que conheci Alberto no bar, perto do banco. Ele servia cafezinho, juntamente com duas moças, uma delas bem atraentes, até. Por mais de um ano, eu frequentava o bar, simplesmente para ter um motivo para sair do ambiente do banco, quando as coisas tornavam-se um pouco menos suportáveis. Descia até à rua, dava uma escapadela na banca de jornais e ia ao botequim. Uma ou outra vez, pedia uma média de pão com manteiga e comia tranquilamente lembrando-me dos tempos de criança. Foi naquele bar que, numa tarde de julho, um casal de colegas – deviam ter uns quinze anos, tomou uma média com cianeto e teve morte instantânea, o que foi manchete de um jornal de crimes e objeto de crônicas ternas de um poeta. Aquele bar possuía algo de diferente, pois foi ali que descobri os olhos de Alberto, depois de servir cafezinho por mais de um ano sem nada notar. E eu mesmo levei algum tempo – quase um mês, segundo posso me lembrar – para descobrir o que estava acontecendo. Conteí que voltava várias vezes ao dia, sem entender a simpatia crescente que sentia por Alberto. E muitas vezes pensei em dirigir-lhe a palavra, mas lá chegando, como que perdia a vontade ou achava que não valia a pena. Ou então que seria ridículo. Um dia resolvi vencer quaisquer barreiras, pois era estranha a mudança: eu sempre conversava qualquer coisa com ele – e até falamos por algum tempo sobre a morte dos colegas – mas quando comecei a sentir a tal da atração por um indivíduo do mesmo sexo, tornei-me mudo e sem assunto, exatamente com o objeto de atração. Acho que isto não se devia inteiramente à igualdade de apetrechos genitais, mas à própria intensidade do afeto.

O dia que lhe consegui falar senti um alívio no coração e cheguei a cantarolar baixinho enquanto trabalhava. Fizera um comentário idiota sobre o café e por acaso aquele, exatamente aquele, que eu elogiava não tinha sido preparado por Alberto? O que não impediu de aproveitarmos a chance para uma conversa meio atrasada e que, no entanto, abriu caminho para outras. Alguns dias depois, consegui, não sem antes respirar bem fundo, convidá-lo para sair após o

expediente. Parece que ele não entendeu de imediato e estabeleceu-se uma pequena confusão. Tive então de ser bastante claro ao dirigir o meu convite a um homem.

O mundo não veio abaixo. Alberto, como eu esperava, aceitou. Imagino que seja muito mais difícil e perigoso fazer um convite destes a um homem que não tenha dado, de antemão, qualquer sinal de interesse. Entendo que um verdadeiro monumento deva ser erguido à coragem destes pederastas que arriscam a sua integridade física e moral para atender aos seus desejos incontroláveis. Não era este, evidentemente, o meu caso. A resposta afirmativa ao meu convite já de há muito se encontrava estampada no olhar de Alberto.

Talvez o estado em que eu me encontrava só tenha paralelo com o que ocorre com as virgens, atualmente, quando vão para a cama pela primeira vez. Não deve ser temor o que sentem, nem vergonha, mas receio de mostrar-se inexperientes. Como explicar a Alberto que um homem com o dobro da idade que ele aparentava não tinha a menor ideia do que fazer em uma situação que estava por ocorrer naquela noite? Talvez se eu tivesse mais curiosidade neste terreno – ido a bailes *gays* ou frequentado bares em que pessoas desta crença ou tendência, não sei bem, costumam frequentar, teria uma noção do roteiro a ser cumprido. A ideia de pegar nas mãos, beijar na boca, já me causava um certo transtorno, quanto mais as coisas, mais ou menos óbvias, que me esperavam. Confesso que pensei em não aparecer, inventar que se tratava de um mal-entendido. Foi quase me puxando a mim mesmo pela gola que dirigi-me para o lugar onde tínhamos marcado o encontro.

Quando lá cheguei, todas as apreensões instantaneamente se dissolveram. A minha preocupação, como contei, dizia respeito a como lidar com um homem. Entretanto, quem me esperava era uma mulher, embora com os atributos físicos masculinos. Mas cada parte de seu corpo transpirava feminilidade. Cheguei a pensar a respeito desta estranha aparição, mas desliguei-me de qualquer especulação sobre isso: com mulher eu sabia como lidar e não teria de fazer

quase nada de diferente para com Alberto. Apenas não poderíamos andar abraçados ou de mãos dadas na rua.

Embora Alberto tivesse sugerido que a gente fosse para um bar da Cinelândia, não achei boa a ideia, devido às conotações do lugar. Como ele morasse lá pelos lados de Caxias, perguntei se não seria bom a gente ir a um lugar na Rio-Petrópolis. Havia várias razões para eu fazer esta sugestão: a primeira é que eu não queria aparecer em público junto de Alberto, pois a maneira de ele se vestir era a de uma pessoa que serve cafezinho e eu estava de terno. Se alguém nos visse juntos em um momento de lazer teria suspeitado de alguma coisa e eu não estava, ainda, preparado para enfrentar suspeitas; a segunda razão é que eu achava – e não estava bem certo – que, na Rio-Petrópolis, Alberto estaria em seu elemento e eu o conheceria melhor; a terceira razão era que eu sentia muita curiosidade por aquela região: os motéis, as desovas dos cadáveres e, particularmente, por aquela multidão que tristemente vive em meio a alagados e à poluição intensa.

Vi que Alberto preferia mesmo o centro da cidade ou ir para a Zona Sul, pela qual tinha em encanto que não escondeu. Disse que morava em Caxias por necessidade, mas o que sentia é que pertencia à Zona Sul e, logo que melhorasse de vida, alugaria um apartamento em Copacabana. Ele achava que eu morava em Copacabana e quando lhe disse que meu apartamento ficava no Jardim Botânico, visivelmente se decepcionou. Acabei aceitando a ideia de ir para a Zona Sul e fomos para o bar de um hotel na avenida Atlântica que fica em um andar bem alto, décimo ou décimo quinto, não lembro.

Alberto nunca tinha ido a nenhum lugar como este, que era apenas luxuoso, sem excesso de requintes. Vi em seus olhos muita satisfação ao ser servido por um garçom bem arrumado e apresentando-se de modo distinto e diante da vista realmente bonita que se descortinava. Assim demorou bastante tempo para se pôr à vontade e conversar.

Eu já tinha notado algumas coisas no caminho, quando conversávamos ligeiramente. Entretanto, a minha tensão impedia-me de ver com clareza o que

estava acontecendo. O que eu percebia? Que Alberto era feito de um material comum. Será que pensei que era alguém excepcional? É bem possível. Na minha imaginação, Alberto era uma espécie de vestal, que nunca tinha revelado seus desejos a ninguém. Eu estava enganado de todo. Alberto era o que podemos chamar de um viadinho vulgar. Tudo o que se pode imaginar de pegações, idas a mictórios, roçações em terrenos baldios do centro da cidade, ele estava cansado de fazer e sem qualquer vergonha. Disse-me sem rodeios que pretendia fazer michê comigo. Fiquei decepcionado e deprimido e quase fui embora, e tê-lo-ia feito se não percebesse que ele, de fato, tinha afeto por mim. Isto era visível em seus olhos e na maneira como me abraçou no momento da despedida, ao descer do carro junto à parede de ônibus até onde o levei.

Voltei para casa certo de que me metera em um caminho errado e que era melhor terminar sem mesmo ir um pouco adiante. Faltava a Alberto o mínimo de consciência e um mínimo de refinamento, o que também tornava a sua vida menos suportável: ele não tinha sonhos de mudança e apenas gostaria de ter dinheiro. Mas em meio a tudo isto, eu continuava atraído pela vida intensa que nele se manifestava, pela feminilidade sobre a qual ele parecia ter certo controle, já que a exprimia ou deixava de exprimir quando desejava.

Acabei indo vê-lo no dia seguinte, mesmo com algumas dúvidas persistentes. Desta vez, como numa série de outras, fomos para bares ou pequenos restaurantes da Rio-Petrópolis, onde, eu estava certo, apareceria um Alberto mais espontâneo e menos viciado pelos hábitos de sua vida sexual desviante. Foi ali na Rio-Petrópolis que demos nosso primeiro beijo, quando descobri que dois bigodes – o meu e o dele – não constituem sério obstáculo, porque o que ocorre com o beijo é dependente do que se encontra dos lábios para dentro. Nosso primeiro beijo foi quase presenciado por um menino que se apresentava como guardador de automóveis e que, toda vez que voltávamos ao local, nos cumprimentava com um esperado olhar de cúmplice.

Foi também na Rio-Petrópolis que tivemos o nosso primeiro contato carnal. A noite tinha sido, para mim, um pouco perturbadora, porque no restaurante eu vi

uma vizinha dos meus tempos de garoto e adolescente. Era uma mulher muito magra e miúda que desde menino me tratara com uma certa ironia. Acho que não tinha nada contra mim: era apenas o seu jeito. E no restaurante ela nos olhava como se de tudo soubesse e não me cumprimentou de volta quando, para aliviar a tensão, eu lhe acenara. Este sentimento de ser visto, vigiado e controlado persistiu por quase todo o período de namoro e, embora eu o achasse natural, era difícil suportá-lo. Saímos do restaurante e levei Alberto até um ponto de ônibus no centro de Caxias. Alberto achava que eu não devia levá-lo em casa – quando, entre beijos e abraços mais furiosos, ele sugeriu que fôssemos a um motel. Soube, então, que boa parte dos frequentadores de determinados motéis são casais do mesmo sexo.

Seria difícil acreditar se não houvesse visto pelos meus próprios olhos. Fomos a diversos motéis e estavam todos cheios e com filas de carros na porta. Não sei o que havia, mas provavelmente a cidade toda estava no cio naquela noite. E nos carros, o número de casais do mesmo sexo se equilibrava com o dos casais opostos. Não sabia eu que o homossexualismo havia se alastrado tanto e achei alarmante.

Alberto me disse que apenas os verdadeiros homossexuais sabem que cerca da metade da população já não sente mais nada pelo sexo oposto, que este tipo de relação apenas serve para a procriação e que está fadada ao desaparecimento com as inovações do tipo bebê de proveta. Ao dar-me esta explicação, Alberto não parecia mais aquela criatura com quem estive em Copacabana. Dispunha ele de um saber organizado sobre a vida sexual em que estava envolvido que faria inveja a muitos sexólogos. Contou-me também que nos hotéis da Baixada Fluminense realizam-se, às vezes, conferências de grupos de homossexuais com o fito de ampliar este tipo de atitude entre nós. Pude até assistir, quando saímos de nosso apartamento no motel, o início de uma pequena reunião para expansão do homossexualismo.

É uma pena que não nos tenham permitido ficar por mais tempo na reunião. Não por Alberto, que os participantes reconheceram como um homossexual

confiável. Não sei como, mas acho que tinham algum faro especial, pois perceberam que eu era muito novo no negócio e tão logo começaram as discussões mais sérias, pediram-nos para sair. Pude perceber, no entanto, que se trata de uma organização vastíssima, que hoje em dia controla os meios de comunicação, a moda, a educação, a literatura e até o esporte. Possuem verdadeiros tentáculos e poucos sabem que estamos diariamente recebendo sugestões imperceptíveis para nos entregarmos ao amor pelo mesmo sexo. Acho até perigoso dizer isto, pois poderia sofrer represálias. Mas sei tão pouco a respeito que acho que até a menção destes fatos só servirá para tornar mais intensa e efetiva a propaganda.

Antes de prosseguir contando, com algum detalhe, o que ocorreu entre mim e Alberto no motel, não quero terminar estas observações sobre o movimento homossexual sem relatar uma forte impressão que, em determinados momentos, pude perceber na maneira de se conduzir dos participantes. E quem esperasse que em tal encontro a libido prevalecesse, estaria enganado. O ar era asséptico, sem qualquer sinal de sexualidade ou de sedução. Havia entre todos o espírito de servir a humanidade, retirando-a de um estágio de mente tacanha – o que chamavam de pré-história – para a fase de libertação – quando se iniciaria a verdadeira história humana. De fato, vi que um dos presentes chegou a afirmar que o movimento homossexual era a forma mais avançada que toma o comunismo, a partir de modificações nas estruturas objetivas do aparelho de produção. Os ouvintes não pareceram entusiasmados com esta tese, de modo que não sei da sua aceitação como ideia central do movimento.

Se me fosse dada a obrigação de resumir o que vivi no motel com Alberto, diria que passei quarto de horas com um porco. Alberto não gostava de tomar banho e isto ele confessou sem qualquer problema. E se punha roupas limpas, era por imposição de sua mãe. Mas as meias, quando as usava, ficava com elas por uma semana. Felizmente com o tempo ele foi aceitando minhas ponderações sobre a importância dos hábitos de higiene. Em um mês, ele começou a admitir a ideia de tomar diariamente um banho, pelo menos, e, pela primeira vez, permitiu-se a ideia

de usar um desodorante. Até me espantei com esta tendência à sujeira, pois imaginava que os homossexuais fossem dados a intensos cuidados corporais. Alberto me explicou, porém, que há várias correntes do homossexualismo. Entre elas, duas que são mais generalizadas: a linha porca e a linha limpa. Alberto não soube explicar as razões, embora eu ache que era a sua tendência mesmo, porque foi introduzido na linha porca, isto é, daqueles que não tomam banho ou se lavam, achando que todos os cheiros resultantes aumentam o prazer sexual. Depois de ter ouvido as explicações sobre estas linhas, liguei a televisão e Alberto foi me dizendo, quando apareciam determinados artistas ou apresentadores, a qual das linhas pertenciam. Tive grandes surpresas. Entretanto, uma vez cheguei a conversar com um homossexual de minhas relações, senhor distinto e recatado, a quem fiz uma pergunta sobre tais linhas. Ele disse que isto não existia e que era pura invenção. Procurei por outras informações – ainda no tempo em que estava com Alberto – e não encontrei qualquer confirmação, de modo que tenho dúvidas sobre se Alberto estava falando sério.

Evidentemente, o que ocorreu no motel não se resumiu a esta questão da sujeira. Foi inevitável realizar todas as operações comuns a tal gênero de encontros. Evidentemente, tenho uma importante observação a fazer, que espero resguarde a minha reputação. Sei que é importante zelar pelo nosso bom nome, pois a sociedade está aí para nos controlar com prêmios e punições e não estou interessado em discriminações e obstáculos. O que quero tornar bem claro é que sempre lidei com Alberto como se ele fosse uma mulher, de modo que seus órgãos genitais ficavam excluídos de tudo o que acontecia. E desejo frisar, para não haver qualquer dúvida a respeito, que não fui penetrado. Alberto chegou a propor algo em torno disso – nunca ficou muito claro – e embora eu mostrasse o mais pleno desinteresse, ele insistiu, dizendo que não contaria para ninguém.

Embora eu tenha enunciado tudo que acima enunciei, padeço da certeza de que esclarecimentos desta natureza de nada valem. O que predomina é a ideia que a maioria faz do que ocorre nestas situações. E por mais que se afirme o contrário, de nada adianta. Mesmo sabendo disso, não poderia evitar estes

esclarecimentos: é parte do meu conceito de homem. Em que pesem as possíveis opiniões ou interpretações, carrego comigo, para sempre, a certeza de que mantive intacta a minha macheza ao longo de toda a relação com Alberto. Em nenhum momento ela foi maculada. Isto pode soar como o machismo mais deslavado. O que posso fazer?

O que se seguiu a tudo isto foi namoro mesmo. Aquele carinho crescente, a certeza, também crescente, de pertencer um ao outro, os ciúmes construtivos, a ternura esperada, o abraço inesperado, tudo o mais. De vez em quando ficava horrorizado com o que estava acontecendo e me perguntava se eu não deveria estar fazendo tudo isso com uma mulher. Também me causava certos arrepios a lembrança das coisas que Alberto fizera no passado. Estas coisas, que horrorizariam qualquer homem que se preza, eram, para ele, não apenas naturais, como delícia das delícias. Além disso, havia o lado da prostituição, que tornava as coisas mais difíceis de serem aceitas. De algum modo, esta maneira de ser, de que eu percebia ainda fortes traços, mostrava sempre uma face, mais ou menos, mercenária em Alberto: sempre achava que se devia fazer uma coisa em troca de outra e tudo tinha o seu preço. Ora, isto não é muito incomum e alguma forma de prostituição raramente está ausente das relações humanas. Mas o pior é sentir que se é para alguém a fonte monetária de bens e serviços e que qualquer outro mais recheado de dinheiro poderá nos substituir a qualquer momento.

Tentei algumas vezes conversar sobre isto com Alberto. Foi impossível. Ele negava o que para mim era evidente, dizendo que estaria comigo mesmo que eu fosse um pobretão. Parecia falar a verdade. E como conciliar esta mencionada impressão com outra que indicava um afeto sincero por mim, e que se mostrava em gestos, atitudes e olhares?

Pode parecer ridículo e mesmo inteiramente fora de nosso tempo, mas chega sempre um momento em que desejamos conhecer a família daquele de quem gostamos. Deve haver inúmeras explicações para isto, acho que a principal é que desejamos expandir o nosso amor pelas pessoas próximas ao objeto de nosso afeto. No caso, não fui eu quem propôs o encontro. Eu estava pensando a

respeito há algum tempo. Via, porém, que não deveria precipitar as coisas e achava mesmo que Alberto poderia ter vergonha de me mostrar a casa de seus pais. Eu tinha uma vaga ideia de que não tinha mais pai, mas não sabia se estava vivo ou não. Quanto à sua mãe, falava dela com frequência e com bastante afetuosidade. Sempre, porém, de um modo ligeiro e eu não tinha quase nenhuma ideia de como ela era.

O dia escolhido para a visita foi um domingo. Depois da praia fomos até lá para almoçar. Preocupei-me com o modo como seria apresentado e Alberto tranquilizou-me dizendo que sua mãe estava a par de tudo.

O calor humano com que fui recebido nada ficava a desejar em relação ao do lugar onde Alberto morava e da própria casa. Eu tinha ido anteriormente uma ou duas vezes à Baixada, por motivos de trabalho e, por acaso, sempre nos períodos menos quentes do ano. Dessa vez, encharquei-me de suor e tive de tirar a camisa para almoçar.

A mãe de Alberto recebeu-me com carinho. Era uma mulher muito gorda, meio alourada e tinha perdido um pé, de modo que utilizava de uma muleta para andar. Foi logo dizendo que eu não me sentisse mal na situação, porque na família dela era muito comum a viadagem - foi a expressão que usou - e o seu próprio marido não deixava de ter umas quedas para este lado. Contou que matara o marido por acaso: ele estava com uma infecção e foi receitado um remédio. Na farmácia, ela pediu um remédio errado, que acabou por ocasionar um enfarte, que não o matou imediatamente. Enfraqueceu-o, e em menos de dois anos ele teve outro enfarte e morreu.

Muito tempo depois, Alberto contou-me que não tinha sida nada disso. A sua história era de que, por falta de cuidado, a mãe tinha perdido o pé: uma ferida mal cicatrizada fora inflamando até gangrenar. E ela achava que o seu pai era o responsável porque não tinha tomado as medidas devidas. Como ela conhecia bem as ervas, foi dando-lhe um chá que tem efeitos maléficos sobre o coração até matá-lo. Não achei que valia a pena contar-lhe sobre as minhas experiências da suspeita de envenenamento com Júlia. Além disso, não tenho muita certeza de

que a história que Alberto me contou era verdadeira, pois ele parecia adorar a mãe, tratando-a com muito carinho.

Isto de contar algumas histórias que não casavam com o seu comportamento era muito de Alberto. Era como se esta história ficasse separada de qualquer outra noção que dispunha sobre sua mãe. Também sobre outras pessoas. Alberto podia contar coisas terríveis das pessoas, mas na hora em que lidava com elas era como se não levasse isto em consideração. A imagem que me surgia a respeito era a seguinte: um cientista que acredita em micróbios no laboratório, mas não lava as mãos sujas antes de ir para a mesa.

Alonguei-me nestas observações para que Alberto seja mais bem compreendido, de modo que se perceba até onde foi a minha disposição para aceitá-lo tal como é. E, sob certos aspectos, aceitá-lo não foi nada difícil. A maneira amorável como lidava com sua mãe tornou patente, para mim, uma índole afetiva como poucas. E sua mãe, cujo nome é Alícia, retribuía da mesma forma. Fui recebido com tanto afeto que imediatamente me senti em casa. O que não era nada fácil: a casa resumia-se a uma pequena sala, um quarto, também pequeno, e uma cozinha-banheiro. Devia ter ao todo uns três metros de largura por doze de comprimento. E este formato impedia uma melhor circulação de ar, de modo que o calor permanecia estacionado na parte central, mesmo se na rua estivesse fresco. Neste pequeno espaço atravancavam-se móveis suficientes para várias famílias, embora ali só morassem Alberto e sua mãe. Além, é claro, de dois cães, que a acompanhavam por onde ela andava.

O almoço saiu lá pelas três e meia e foi feito com esmero. Era uma rabada com agrião, sobre a qual nem Alberto nem sua mãe deixaram de fazer algumas pidades picantes. Infelizmente, o almoço não pôde ser concluído com tranquilidade, porque uma vizinha do lado jogou um pacote que caiu no meio da sala, abrindo-se. Continha fezes – humanas, eu suspeito – que se espalharam pelo chão.

Evidentemente, o que sucedeu a seguir impediria, mesmo aos estômagos mais fortes, de prosseguir com a refeição. Alícia e Alberto, em uma ação perfeitamente sincronizada, recolheram o conteúdo do pacote e correram para a rua, atirando-o,

de volta, na casa da vizinha. É claro que este movimento se fez acompanhar de uma saraivada de palavrões. Embora eu conhecesse todos, havia certas combinações que eu jamais ouvira.

Esperei que a vizinha respondesse imediatamente e estava certo de que acabaria vítima de uma guerra de excremento. Para minha surpresa, não houve resposta. Muito curioso, perguntei por que não houve qualquer resposta e Alberto respondeu que era assim: quando um agia e o outro retrucava, a situação atingia um equilíbrio e era como se encerrasse um ciclo. Eu quis saber como tudo começara. Alícia me contou que pedira à vizinha que não deixasse o seu gato atravessar o muro, por que ela, Alícia, não suportava gatos pretos. Como a invasão persistira mais de quatro vezes, ela resolveu tomar uma providência: jogou água fervente no bicho. A vizinha não gostou do que foi feito e reagiu da forma como eu vi.

Apesar do esforço de Alberto e Alícia para limpar a sala de qualquer vestígio das fezes, o cheiro permaneceu a tarde inteira, porque o ar ficava parado e não havia jeito de fazê-lo circular. E foi em meio a este cheiro que ficamos assistindo televisão até escurecer, quando peguei no sono com Alberto sentado no chão aos meus pés e com a cabeça em meus joelhos. Quando acordei, um vento bem fresco arejava a casa e tinha eliminado qualquer odor.

Quis ir embora, mas Alícia não deixou, dizendo que tinha duas coisas importantes para falar e queria que eu ficasse até tarde e dormisse lá mesmo, porque aquilo era, também, a minha casa.

O primeiro assunto que ela desejava tratar comigo era sobre o meu caso com Alberto. Disse que fazia gosto de nosso relacionamento, especialmente agora que conhecia a pessoa fina e educada que eu era. Tinha a certeza de que eu só faria bem a Alberto. Explicou que era mãe-de-santo e que tudo fizera para que Alberto tivesse um belo destino e que seus pedidos haviam sido atendidos. Agora era preciso dar um tom sério a esta união e ela queria que ficássemos noivos e depois houvesse um casamento de verdade.

Pensei que ela estava inteiramente demente. Não era, porém, o caso. Ela foi explicando que na sua família esse tipo de noivado era bem comum, pois dois primos de Alberto, filhos da irmã dela, tinham ficado noivos assim e agora estavam casados, e bem casados. Como eu não dissesse nada, ela partiu para explicar como achava que deveria ser a festa de noivado. Comprometeu-se a fazer um sarapatel para mais de vinte pessoas e perguntou se eu podia trazer a cerveja. Disse que a madrinha de Alberto iria oferecer a sobremesa.

Pensei que o noivado não seria em breve. Estava enganado, ela disse que não se devia esperar muito e que dali a dois domingos seria o indicado, havendo tempo suficiente para os preparativos.

A minha vontade de tornar tudo aquilo em uma cena humorística foi muito forte. Contive-me porque percebi, a tempo, que tanto Alícia quanto Alberto levavam a sério a festa de noivado. Alberto já tinha tomado de uma folha de papel e começava a listar os convidados. Pelo que ouvi, viria gente até do Espírito Santo. Foi-me dado o direito de trazer oito convidados num total de vinte pessoas e esta possibilidade serviu-me para causar embaraços. Quem iria trazer? Meu pai e minha mãe? Meu irmão Wilson e sua esposa, minha irmã Denise? Todos tão bem postos. Colegas de trabalho? Amigos e outros parentes? E se não trouxesse ninguém? A festa ficaria esvaziada. Decidi ser inteiramente franco, dizendo que muita gente de minhas relações não aceitaria o tipo de coisa que iria acontecer e que devíamos respeitá-los. Decidi que abriria mão de poder convidar e que eles trouxessem todo mundo. Houve um certo ar de decepção nos seus rostos, que logo se dissipou, pois Alícia tomou a lista da mão do filho e começou a incluir e cortar nomes.

Eles ainda estavam discutindo os nomes que iriam convidar quando pensei no meu convidado especial: o professor José Antonio. Ele tinha sido meu professor de latim no ginásio. Embora, visivelmente não pertencente ao sexo masculino, era objeto de paixão por parte das meninas, a quem não dava a mínima atenção, que era voltada para os meninos. Estes, já cheios de malícia, percebiam as razões desta atenção e viviam a ridicularizá-lo. Seja pelo meu desempenho em latim, seja

por algum encanto que possuísse, sempre fui cumulado com a consideração do professor, que me fazia não poucos elogios públicos. Isto, claro, servia aos meus colegas, que faziam alusões e até diziam diretamente o que pensavam acerca da minha relação com o dito. Eu fingia não entender, e quando faziam um coro, acusando-nos de namoro ou coisa parecida, eu, com um vozeirão, gritava declinações ou citava trechos inteiros de Julio César ou de Marco Túlio Cícero.

Um dia vim a saber que o professor José Antonio tinha intenções carnavais a meu respeito e que os seus desejos intensificaram-se quando me viu traduzir, perfeitamente, longos trechos da *Eneida*. Ao final de uma aula, quando os meus colegas já tinham abandonado a sala — fui eu o último a sair —, ele me chamou e foi direto ao assunto. Queria me mostrar alguns textos latinos e para isto me convidava para almoçar em sua casa no sábado, depois da praia. De um modo não inteiramente inocente, aceitei. Como naquela época havia acontecido o crime do candelabro — um rapaz matara um homossexual velho, após ter sido atacado no apartamento deste — deixei em casa o endereço do apartamento onde estaria, dentro de um envelope fechado, no qual estava escrito: “para ser aberto em caso de meu desaparecimento”. Cheguei ao apartamento do latinista às quatro da tarde, queimado de sol e bem esfomeado. Aquele dia de praia tinha sido muito bom. Eu jogara futebol e depois conhecera uma menina muito interessante, com a qual tinha marcado um encontro às oito da noite, de modo que não pretendia demorar-me muito.

O almoço foi servido instantes depois de minha chegada. O professor fez questão de que falássemos em latim, do que eu não era capaz, pois estava acostumado mais a traduzir do que a verter e quase nunca praticara a conversação, pois os exercícios eram em geral por escrito. Depois de umas tentativas, ele desistiu da conversa e começou a falar em português mesmo, discorrendo sobre a importância da língua latina na formação da inteligência, o que eu estava acostumado a ouvir, e sobre o meu futuro como latinista. Quando terminamos o almoço, ele pediu à empregada que tirasse a mesa e foi pegar os textos latinos. Ao levantar-se, dirigindo-se para os interiores da casa, vi que a sua

calça tinha uma abertura na altura das nádegas. Não era descosimento, mas, aparentemente, uma abertura intencional com fins exibicionistas ou outros.

Aquela abertura me foi exibida não poucas vezes. Parece que a respeito de tudo, ele se levantava: para buscar um dicionário, logo para pegar um lápis, depois para pegar papel. Isto me retirou qualquer dúvida sobre os seus propósitos. E, no meio da leitura dos textos latinos, que não considerei tão relevantes – era uma comédia de Plauto; e a verdade é que eu nunca tinha lido o latim coloquial – fiquei refletindo sobre o que fazer se ele, realmente, tentasse alguma coisa. Sabia que não precisava mais de nota para passar e que não a teria mais com o professor, de modo que não havia mais como temer represálias.

Estava no meio destas reflexões e ao mesmo tempo ouvindo a bela voz do professor lendo Plauto, quando senti que a sua perna encostava na minha. Afastei-me um pouco e ele se aproximou mais, quando, não aguentando o ridículo da situação, comecei a rir. Isto agastou-o e ele olhou seriamente para mim, dizendo que estava perdidamente apaixonado. Encarei-o, ao mesmo tempo tentando me lembrar se havia algo pesado e manejável na sala para me defender, e lhe disse que estava enganado, que o que nos unia não era senão o amor ao latim.

O professor começou a chorar na minha frente. Entre lágrimas e soluços, falou sobre as agruras da vida homossexual. Ouvei-o com atenção e, quando parecia ter acabado o seu discurso – era bem um discurso: a construção das frases tinha o ritmo da obra de Julio César — disse que tinha que ir. Ele me tomou pelos braços, pedindo-me para ficar, que ele não aguentaria a solidão daquele fim de sábado. Ou então que promettesse voltar lá de vez em quando para almoçar e ler outros autores latinos. Eu disse que não podia prometer nada e que tudo aquilo me assustara muito. De fato, estava muito nervoso e queria ir embora logo, tentando imaginar como seria na aula, quando de novo estivesse frente com ele.

Ele não me reteve. Na segunda-feira seguinte, tive aula de latim e ele me ajudou a lidar com a situação, tratando-me normalmente, sem qualquer olhar mais solicitante ou humilhado. A princípio não gostei do que vi, porque me pareceu tudo

hipocrisia. Depois, cheguei a admirá-lo por ter sabido lidar com a difícil situação. Ele continuou me tratando como sempre nas aulas e na correção das provas foi muito objetivo. Na última aula, esperou que a turma toda se retirasse e me chamou. Ele estava sentado, com a cabeça um pouco baixa, não me olhando nos olhos senão de vez em quando. Falou sobre o que ocorrera e me disse que não havia o que fazer com aquilo: a vida era assim mesmo e eu não era mais nenhum menino. Tinha, porém, algo a me dizer: havia consultado uma cartomante sobre o que acontecera e ela tinha dito que eu me tornaria homossexual algum dia, não para breve, mas bem tarde, talvez um pouco antes dos cinquenta anos.

Tudo isso foi mais ou menos trinta anos atrás, quando eu tinha quatorze para quinze anos. Naquela época, o professor José Antonio devia ter uns trinta anos. Agora estava beirando os sessenta e felizmente eu sabia onde encontrá-lo. Fazia pouco tempo, eu o vi dando uma entrevista na televisão: era presidente de uma associação de moradores de um dos bairros da Zona Sul e liderava uma campanha contra a derrubada de uma palmeira. Dizia-se aposentado e que atualmente a sua meta era melhorar sempre o bem-estar dos moradores de seu bairro.

A outra pessoa que pretendia convidar para o noivado era a minha avó Cândida, mãe de minha mãe. Agora, com noventa anos, ela possuía uma saúde suficientemente forte para uma viagem até a Baixada Fluminense e um juízo suficiente fraco para tudo presenciar sem nada entender. Não eram estes os motivos únicos para tal escolha. Vovó Cândida tinha sido sempre muito importante em minha vida. Desde o início, houve o ninho afetivo aonde podia eu pousar quando as coisas, para os lados de meus pais, não andavam bem. Era o amor e a atenção sempre disponíveis. Assim, nos primeiros dois anos, quando meus pais, interessados em seus próprios folguedos, abandonavam-me à selvageria das babás, foi vovó Cândida que me salvou do sentimento de um abandono infernal. Ao longo de minha vida, que, até aqui, cerca da metade da dela, servira-me como porto seguro para o meu coração. Nos últimos anos, antes da esclerose se instalar galopantemente, assumira a posição de uma espécie de luz a compreender os

danos que a vida tinha feito a todos nós. Sem sorrir das tolices, compreendia-as e muitas vezes me disse a mim mesmo que ela seria uma espécie de resumo autoconsciente de nossos destemperos. Isto soa grandiloquente. Mas quem a tivesse conhecido até os seus oitenta e cinco anos, veria que não exagero. A surpresa é que esta árvore tenha dado frutos tão frágeis.

Agora, vovó Cândida não dizia mais coisa com coisa e suas ações haviam perdido grande parte de sua coerência. Felizmente, permanecia vigilante e racional em suas atividades excretoras, de modo que não havia nada a me preocupar durante a viagem e na própria festa de noivado. Pretendia eu levá-la sem a enfermeira, por estar certo de que esta espalharia a história com rapidez. Eu estava pouco a pouco aceitando a ideia de tornar pública a minha relação, mas ainda precisava de tempo para saber como e, também, para amadurecer os meus sentimentos.

Desviei-me do relato dos acontecimentos na casa de Alberto, para falar dos meus convidados especiais para o noivado. Contei a Alberto e à sua mãe sobre o professor José Antonio e sobre vovó Cândida e os dois, não apenas aprovaram como, também, ficaram muito curiosos por conhecê-los. Certamente, vovó iria, mas eu não estava certo sobre a disposição do latinista.

Os últimos momentos passados naquela casa, na noite de domingo, foram um pouco difíceis. Eu havia dito que a mãe de Alberto falara acerca de dois assuntos. Ao primeiro eu já me referi: era a festa do noivado. O segundo foi um pedido que não deixou de me causar algum mal-estar. Devido ao fato de a festa de noivado contar com tantos convidados, era preciso dar um jeito nos encanamentos da casa, e, não dispondo de dinheiro, pedia Alícia que eu desse uma ajuda, fazendo uma espécie de empréstimo que ela pagaria em breve. Mesmo não vendo com agrado este pedido, não encontrei jeito de recusar. Quando ela percebeu que eu aceitava, trouxe o orçamento e me pediu para lhe dar um cheque.

Este fato e a insistência de Alberto de voltar comigo para casa geraram o mau-humor com que dirigia na volta. Pretendia não apenas voltar só, como ficar algum tempo comigo mesmo naquela noite, depois destes novos acontecimentos. Era

absolutamente impossível explicar isto a Alberto. Quando tentei, ficou enciumado e cheio de suspeitas, chegando a fazer beicinho de choro.

Nos dias seguintes, senti-me bastante sufocado pela presença de Alberto, embora isto não me tenha levado a pensar em acabar com tudo. Durante o dia, via-o no bar duas ou três vezes. Se de tarde eu não aparecia para o cafezinho, tinha de ouvir no final da tarde suas reclamações, quando o pegava para ir para casa. À noite ficávamos em casa, em geral vendo televisão ou ouvindo música. Alberto gostava de fazer as duas coisas ao mesmo tempo e não entendia que alguém gostasse de silêncio. Também tinha o hábito de comer na cama, onde gostava de ficar – e me queria junto – da hora em que chegávamos até o momento de dormir. E com toda esta quase balbúrdia – televisão ligada, disco na vitrola – ainda falava ao telefone, aos gritos, com seus amigos. Às vezes eu sentia que a Cinelândia tinha se instalado lá em casa.

Era difícil aguentar tudo isto, mas não impossível. As coisas melhoravam quando as luzes se apagavam, a televisão e a vitrola eram desligadas, e, no silêncio que se instalava, podia-se ver claramente a razão que justificava tanto desconforto. Especialmente no escuro e mesmo na penumbra, a figura feminina de Alberto alçava voo e sou obrigado a confessar que jamais tinha estado em minha cama até aquele momento uma mulher tão sensual, terna, saborosa e carinhosa. Alguma coisa mágica sucedia: eu não sentia mais os seus músculos, o bigode, os seus pelos. Era como se tudo isto se esvaísse, incendiado pelo desejo, e eu tivesse em minhas mãos o corpo mais arredondado e liso da face da terra.

Verdade que os acontecimentos, as obrigações do dia-a-dia nos retiravam daquele deleite todo, mas muitas vezes encontrávamos tempo durante o dia para uma escapadela. Uma ou outra vez, vimos o sol pôr-se nos jardins do Museu de Arte Moderna. E, certa feita, que ficou, por assim dizer, famosa entre nós, carreguei-o às três da tarde, para assistirmos no Metro à primeira sessão de *E o vento levou*.

Afora essas dificuldades, não diria de relacionamento, mas de ajustamento, havia o problema de como lidar publicamente com este amor. No edifício, o

porteiro e o faxineiro algumas vezes não encontravam a palavra para caracterizar Alberto quando a ele se referiam. Eu resolvia as coisas, chamando-o pelo nome. Percebi algumas vezes no elevador que os vizinhos estranhavam esta presença, especialmente aqueles que sempre me haviam visto com Júlia. Afortunadamente, a mentalidade era contemporânea e nenhuma reclamação foi feita ao síndico em nome da moralidade e dos bons costumes. É preciso dizer que duas famosas atrizes haviam vivido maritalmente no prédio, tendo uma de suas mais ruidosas brigas ocorrido no *hall* de entrada. Acho que os vizinhos, em geral, não somente achavam tudo muito interessante, como, também muitos se sentiram honrados por abrigar tão ilustre amor.

Se no prédio as coisas eram contornáveis, junto à família e aos amigos a dificuldade era bem maior. Driblar papai e mamãe que, pelo menos, uma vez a cada semestre gostavam de me visitar foi tornando-se difícil. Não desconfiavam que havia alguém em casa comigo. Telefonavam, em geral, para o meu trabalho e nas vezes em que o fizeram para casa e Alberto atendeu, não lhes despertou qualquer suspeita. Eles, porém, insistiam e até fingiram-se ofendidos quando pela terceira vez marcaram a visita e eu lhes telefonei para suspender. Havia ainda os amigos, em especial aqueles que, na partilha com Júlia, ficaram comigo. Andavam preocupados comigo, pois temiam que eu me acostumassem com a vida de solteiro.

A princípio, encontrei um jeito de manter o relacionamento com os amigos: ia visitá-los em vez de recebê-los em minha casa. Ir sozinho trazia, porém, um problema com Alberto, a quem eu também não queria expor, claramente, a minha dificuldade. Se demorava demais, encontrava-o chorando e uma ou outra vez meio bêbado. Assim, sentia-me mal quando estava fora sem ele e também quando voltava. Não conseguia, porém, decidir-me a contar aos meus amigos as transformações da minha vida.

Sentia-me muito infeliz com tudo isto e os momentos de felicidade com Alberto começaram a rarear. Ele me perguntava o que estava acontecendo e eu não queria lhe contar, inventava dores de cabeça ou de estômago. Ele corria a

preparar uns chás que aprendera com sua mãe e, para consolá-lo, eu não apenas os tomava como apregoava melhoras horas depois.

Não suportei a situação por muito tempo e procurei o Joca para contar-lhe tudo. Ele já tinha me ajudado muito com o problema de Júlia e estava certo de que agora, também, poderia me dar alguma ideia. Liguei para ele e combinei que iria à sua casa na mesma noite.

Quando cheguei à casa de Joca, eram umas sete da noite e ele acabara de vir do trabalho. Joca andava um pouco tenso e contou-me que o banco em que trabalhava achava-se em dificuldades e que ele esperava não serem insuperáveis. Já era o segundo banco em que ele trabalhava que ficara em dificuldades nos últimos dois anos. Também me contou um pouco de sua vida recente, porque nos vimos apenas duas ou três vezes depois do final do casamento com Júlia. Ele vivera três meses com uma bailarina da TV Globo. A moça tinha uma preferência por rapazes homossexuais e não aguentou a convivência com Joca. Separaram-se duas semanas atrás e ele estava triste porque gostava muito dela.

Aproveitei a história da bailarina e dos seus gostos especiais para entrar direto no meu caso com Alberto. Contei a Joca tudo o que aconteceu e ele, obviamente, não se espantou. Disse que, se fosse com ele, não teria dúvida e faria exatamente o que eu fiz. Mostrou-se contra a onda de homossexualismo que invadia não apenas o nosso país, mas todo o planeta e disse que ouvira que Nostradamus tinha profetizado algo neste sentido. Disse que tomava proporções de uma epidemia e que poderia destruir a humanidade. Quando lhe contei sobre a reunião que vi no motel, ele me disse que estava atento a este movimento e que ouvira que também o Serviço Nacional de Informações acompanhava tudo e poderia intervir a qualquer momento.

Explicou, ainda, que segundo lhe informara um pesquisador social, era possível que entre os homossexuais cerca de 45% fossem o que se poderia chamar de falsos tipos. No íntimo, não eram homossexuais, mas apenas pessoas confusas. Antigamente, as pessoas confusas buscavam fugir de suas confusões, seja ignorando-as, seja se entregando a diversas ocupações: torcedor de futebol,

totalitário, defensor dos animais, assim conseguiam apagar da mente suas confusões. Hoje em dia, não se sabe direito por quê, transferiam suas confusões para o plano do sexo e passavam a achar que o homossexualismo era a solução. Joca considerava a situação francamente grave e que só uma hecatombe universal poderia reverter esta forte tendência. Reconhecia, entretanto, que o meu caso era diferente. Disse que o chamaria de acidente biográfico, considerando que se algum dia eu deixasse de me interessar por Alberto, retornaria clara e francamente para o heterossexualismo. Não entendia isto como nenhum consolo, pois eu não necessitava e porque Joca diria a mim, exatamente, o que estava pensando, como a um irmão que, de alguma forma, era e pretendia ser.

Estava ansioso por um conselho e não tão interessado em explicações sobre a onda de homossexualismo. Expliquei que pretendia encontrar um jeito de tornar conhecida de meus amigos a minha relação com Alberto. Gostaria de fazê-lo de um modo que não os chocasse demais. Joca sugeriu que eu desse, em minha casa, uma reunião, e que ficasse patente que estava com Alberto. Aconselhou que eu desse um beijo na boca de Alberto no meio da sala, na frente de todo mundo, para não deixar dúvidas. Acreditava que todos aceitariam tranquilamente, pois, hoje, estava na moda não se espantar com mais nada.

Aceitei a ideia e conversei com Joca um pouco mais, sem querer me demorar com medo das reações de Alberto. Quando cheguei em casa, não passava muito das onze horas e não havia ninguém. Imaginei que Alberto tivesse ido dar uma volta em represália ao fato de eu não ter jantado em casa. Não fui dormir. Fiquei a esperá-lo e ele chegou depois da meia-noite. Vinha com o rosto meio sujo de maquiagem e tinha um lábio partido. Percebi que tinha ido para o centro da cidade e se metera em alguma encrenca. Quando me viu atirou-se em meus braços, chorando. Pediu perdão, porque não prestava. Dizendo que tinha saído, morto de raiva, para a Cinelândia e que pegara o primeiro rapaz que vira interessado em dar uma volta com ele. O rapaz resolveu agredi-lo e ele conseguiu sair correndo. Vi que trazia, em uma sacola de compras, um vestido que, sem dúvida, pusera no banheiro de algum bar, antes de ir para a Cinelândia.

Esperei que se aclamasse, para o que dei-lhe, primeiro um pouco de água com açúcar e, como não melhorasse, um comprimido de Valium. Ele ficou mais tranquilo e então contei-lhe a conversa com Joca e disse que daria uma festa para fazer a apresentação aos amigos. Ele ficou muito alegre e prometeu que iria cozinhar um jantar. Disse-lhe que não iria ser jantar, mas apenas bebidas e salgadinhos. Aceitou a ideia e disse-me que agora poderia ter muito mais convidados meus para o noivado.

Resolvemos que o encontro seria ainda naquela semana, mais especificamente, na sexta-feira. Comecei a convidar os meus amigos. Joca e mais a Tânia, e acreditei que poderia considerá-la apenas como uma amiga; vi, porém, que estava errado. Alberto pediu para trazer um amigo.

Quando chegou a sexta-feira, comecei a ficar nervoso com a festa, chegando até a ter a ideia de suspendê-la. Liguei para o Joca, que me assegurou que tudo daria certo e que, infelizmente, não viria. Os três casais tinham confirmado a sua vinda, assim como Tânia, que mostrou uma grande alegria ao ouvir o convite.

A dois dos três casais, eu já fiz bastante referência, pois eu e Júlia os víamos com frequência. Eram Osmar e Carlota e Mariozinho e Evita. Como há de se lembrar o leitor, Júlia brigara com eles e deixamos de vê-los. Tão logo me separei, estive com eles e o nosso afeto estava intacto. O terceiro casal era Camargo e Marina. *Eles não chegaram conhecer Júlia, porque se encontravam no estrangeiro, quando do nosso casamento. Lá ficaram por quase seis anos, principalmente em Nova York, tendo regressado há menos de um ano.* Tinham sido amigos desde a adolescência. Crescemos juntos, tendo Marina descoberto o sexo comigo, sobre o que ela nunca fizera segredo. Os dois tinham pouco mais de quarenta anos e consideravam a vida sexual como uma realidade que pouco a pouco vai se tornando secundária para outras coisas tomarem o primeiro plano.

Eu estava certo de que Marina e Camargo aceitariam a minha relação com Alberto, não apenas com naturalidade, mas até com entusiasmo. O próprio Camargo tentara ser homossexual no final da adolescência, tendo desistido por falta de vocação. Desta maneira, veria em mim a realização que nunca havia

conseguido. Lembro-me de como passou triste o seu vigésimo aniversário. Ele havia convidado alguns homossexuais para sua festa e nenhum deles apareceu. É verdade que, dois dias antes, Camargo tinha estado com um grupo desses e todos foram unânimes em aconselhá-lo a desistir, explicando-lhe que se tratava de uma vocação e que ninguém poderia sê-lo por vontade própria. Mostraram-lhe que lhe faltava um ar, uma capacidade de olhar e um jogo de corpo, que mesmo que observasse como se faz, por anos, não seria capaz de reproduzir perfeitamente. Não entendi muito bem na época, mas a experiência no motel, em que fui convidado a retirar-me, mostrou-me que existe, de fato, uma diferença. A verdade é que aquela fora uma época heróica do homossexualismo, lembrada hoje com nostalgia pelos velhos, que se comparam com os antigos cristãos das catacumbas.

Sabia que Marina aceitaria tudo, mas não sabia como seria. Desde a época que nos revelamos um ao outro na intimidade, tinha eu conhecimento de que fazia parte de um mundo secreto dela. Ela não revelava o conteúdo desse seu mundo a ninguém. Mesmo Camargo chegara apenas a saber de sua existência: nada mais, porém. Um dia, em que ela estava mais ou menos embriagada, contou-me um pouco sobre o seu mundo secreto. Evidentemente, não me foi dado saber muito. Apenas que, neste mundo, Marina podia ser três pessoas ao mesmo tempo: uma empregada doméstica, um ministro de Estado e uma professora de literatura. Dessa maneira conseguia entender, finalmente, em que consistia viver, pois via o mundo segundo três perspectivas diferentes. Nunca me explicou como é que, neste mundo secreto, podia viver as três pessoas: se era ao mesmo tempo ou se, quando estava vivendo uma, as outras sumiam. Segundo Marina me permitiu saber que eu era um guarda-noturno, namorado da empregada (sic).

Como se pode ver pela descrição, algo pormenorizada, que fiz de Marina e Camargo, tenho a certeza de que são, e serão sempre, pessoas importantes em minha vida. Os dois outros casais, gosto deles, partilhamos muitas coisas, mas sabemos que vivemos uma boa parte de nossas vidas longe uns dos outros. Então, perguntar-se-ia, por que os havia incluído em minha reunião? Porque –

respondo – são companhias importantes em minha vida e eu gostaria que soubessem de tudo. Ao contrário de muitos que tornam públicas, primeiro, suas decisões e depois informam ao seu pessoal mais próximo, a minha tendência na vida fora sempre o oposto. E caso os dois casais não me aceitassem bem, isto não importaria tanto. Seria uma espécie de ensaio para o momento em que levaria a história para o conhecimento de todos, sem exceção.

Chegou o dia da reunião e quem me causou a primeira surpresa foi o Alberto, que me apareceu com um travesti daqueles, não diria mais repugnantes, mas, talvez, mais mal-acabado. O amigo de Alberto estava com a barba por fazer, tinha as pernas obviamente cabeludas e os bíceps à mostra mostravam, com certeza, o sexo original. Quando Alberto nos apresentou – eu, como Claudinha – dei o que talvez tenha sido, um dos sorrisos mais amarelos de minha vida. E na frente de Claudinha, comecei a esbravejar com Alberto, dizendo que logo no dia em que eu ia assumir abertamente a nossa relação e — frisei bem — a minha pederastia, ele aparecia com aquele tipo para me humilhar? Pois bem, o tipo, antes mesmo de Alberto dizer qualquer coisa, pôs-se em posição de lutador de karatê e começou a dizer que não estava ali para levar desaforo para casa. Desta feita, foi Alberto que teve calma suficiente para controlar tudo, porque eu estava, realmente, furioso e pouco se me dava se o travesti sabia alguma arte marcial. Alberto disse que trouxe Claudinha para que eu me fosse acostumando com a nova vida e para que os meus amigos, também, não tivessem ilusões a respeito. Aceitei as explicações. Abracei Claudinha, que me retribuiu com um sorriso doce.

Logo depois deste quase entreviro, chegaram Marina e Camargo, que me abraçaram calorosamente. Estavam realmente muito saudosos. Foram apresentados a Alberto e a Claudinha, a quem trataram com muito carinho. Logo Camargo sentou-se ao lado de Claudinha, contando-lhe como tentara ser homossexual e fracassara. Marina se tomou de simpatias por Alberto e foram os dois para a cozinha preparar um ponche.

Esta recepção por parte de Marina e Camargo não podia ser melhor. Estava eu realmente aliviado e feliz, embora não achasse que havia razões para temer uma

rejeição. Como não lhes havia, ainda, falado sobre o que estava acontecendo entre mim e Alberto com todas as letras, resolvi fazê-lo. Sentei-me em frente a Camargo, que mantinha um animado papo com Claudinha, e interrompi-os dizendo que estava vivendo com Alberto. Foi quase inesquecível o sorriso de Camargo, que parecia ao mesmo tempo feliz e invejoso. Logo depois, fui à cozinha e, colocando o braço sobre o ombro de Alberto, disse a Marina: este é o meu amor. Marina, contrariando os hábitos finos em que fora criada, levantou para o brinde o copo do liquidificador que tinha na mão, saudou-nos e bebeu o que parecia ser a base do ponche.

Estava tudo indo às mil maravilhas, quando tocaram a campainha. Abri a porta e vi os convidados restantes. Tânia logo atirou-se sobre mim e deu-me um beijo quase na minha boca. Era, como há de se lembrar o leitor, uma especialista em movimentos afetivos ambíguos: você nunca sabe se aquele gesto era um carinho ou algo acidental; e também não sabe se aquilo foi dito com um sentimento agressivo ou pareceu assim sem sê-lo. Pela maneira como vinha arrumada, Tânia estava com segundas intenções: pretendia dar um bote final na minha conquista. *Mal consegui desvencilhar-me do abraço/beijo de Tânia, pude notar que Osmar e Carlota pareciam ter sofrido um acidente. Osmar trazia o braço em uma tipoia e Carlota tinha esparadrapos na cabeça. Olharam para mim com simpatia e quando parti para abraçá-los, deram-me apenas a mão, dizendo que não poderiam me abraçar porque estavam como o corpo moído. Perguntei o que tinha acontecido e não pude ouvir a resposta, porque fui abraçar Mariozinho e Evita, que responderam com muito calor e sorriso.*

Já dentro do apartamento, comecei a perceber que uma tormenta se formava. Mal chegaram os dois casais, Camargo e Marina abandonaram respectivamente Claudinha e Alberto, pois conheciam de há muito os dois casais, e quiseram saber o que tinha acontecido com Osmar e Carlota. Ao ser puxado para o quarto por Tânia, e tentando resistir sem violência, o que era impossível, consegui ouvir que Osmar e Carlota tinham sido assaltados em sua própria casa.

Já no quarto, quando Tânia começou a fazer as suas confissões, eu pensava que tinha errado em não apresentar Alberto e Claudinha para os que tinham recém chegado. Pedi licença e corri para a sala. Alberto e Claudinha estavam em um canto, bastante sem jeito. Alberto, principalmente, parece que tinha perdido a noção de que estava em sua própria casa. Peguei Alberto pela mão – nem sei como consegui fazer isto – e levei-o para junto dos casais, apresentando-o. Foram gentis, mas não prestaram muita atenção e continuaram a conversa. Alberto voltou para o seu lugar e eu fui para o quarto, achando que estava tudo bem.

No quarto, Tânia pediu para que eu me sentasse ao seu lado e foi logo começando a contar que estava perfeitamente bem agora e que não teria mais qualquer inibição quando fosse para a cama comigo. Disse também que agora achava que tudo era permitido e que poderia me fazer um homem feliz. Para tentar cortar toda esta conversa, eu lhe disse que agora estava vivendo com Alberto e que fora para apresentá-lo aos amigos que dera aquela reunião. Tânia fez que não ouviu e para mostrar que avançara profundamente em sua luta contra a inibição sexual, tentou agarrar-me exatamente no momento em que entrava no quarto Alberto. Ele deu meia volta e retornou para a sala. Fui atrás para explicar, mas, como é obvio, não me deu ouvidos.

Alberto sentia-se humilhado e me disse que não esperava que eu fizesse aquilo tudo para que ele fosse embora. Disse-lhe que estava enganado. Não quis me ouvir. Tomou *Claudinha pelo braço e puxou-a para ir embora*. Contive-os na porta, não deixando que saíssem. Alberto então começou a gritar que eu o traíra e que eu não era homem para ele. Eu tive de ouvir que era uma pessoa falsa, que o enganara e que no fundo só queria é me divertir à custa dele. E também que eu era rico e velho e que resolvera inventar uma nova moda para me divertir: ter um homem em vez de uma mulher. Quando ele gritava, Tânia veio de dentro e, ao tentar aproximar-se de mim, parece que entendeu tudo e ficou à distância. Os três casais interromperam a conversa e finalmente parece que Osmar e Carlota, Mariozinho e Evita entenderam o que estava acontecendo. Entretanto, isto serviu para melhorar as coisas. Soube então que Osmar e Carlota tinham sido

assaltados por um casal *gay* e estavam furiosos com todos os homossexuais que a humanidade tinha produzido. Levantaram-se e começaram a vociferar contra o homossexualismo, dizendo que era a punição de Deus contra a humanidade perdida; quase não os reconheci com este tipo de comportamento. Despediram-se rapidamente de mim e foram embora. Logo em seguida, Mariozinho e Evita também se despediram. Pareciam meio desapontados com tudo o que acontecera e pelo visto não simpatizavam com Alberto.

Ficaram comigo Marina, Camargo e Tânia. Esta, tendo percebido que originara toda a confusão, estava caída e algo cabisbaixa. Marina dizia que eu não devia me preocupar, porque ela percebia que Alberto gostava muito de mim e que apenas ficara com ciúmes. Camargo falava dos dois outros casais, dizendo que com o tempo eles aceitariam tudo. Daí a pouco, Marina e Camargo foram embora e, apesar de eu dizer que estava cansado, insinuando para que Tânia também se retirasse – especialmente porque temia que Alberto voltasse e nos visse juntos – ela não foi junto com o casal.

Tânia não queria acreditar que eu estava com Alberto. Tive a paciência de lhe mostrar a roupa dele no armário, e também fotografias em que aparecíamos de mãos dadas. Ela me disse que não era preconceito, mas que nunca percebera qualquer sinal que indicasse isto. Vi que estava bastante triste, porque sentia que esta seria uma importante chance para ter-me ao seu lado. Quando se despediu, um pouco depois, parecia deprimida e não me respondeu quando lhe disse *que nos veríamos na semana que vem*.

Quando já estava pronto para dormir, pensei se devia sair por aí em busca de Alberto. Onde estaria? Talvez na Cinelândia, para onde ia sempre que estava em alguma crise. Ou teria ido para casa? No dia seguinte, sairia em sua busca. Já estava me deitando quando o telefone tocou. Era Alberto, que disse estar no centro da cidade. Sua voz estava chorona e parecia muito magoado. Ao contrário do que eu esperava, ele me ouviu quando expliquei novamente o que tinha acontecido. Disse que pegaria um táxi, e que estava sem dinheiro. Fui esperá-lo

na porta do edifício. Antes de dormir, conversamos um pouco. Ele parecia ter superado tudo e na manhã seguinte nem falamos sobre o que acontecera.

Não obstante a reunião ter sido um fracasso, serviu para os meus propósitos: de assumir realmente a relação com Alberto. Assim, logo depois eu já andava por todos os cantos com ele. E se acontecia de encontrar amigos ou conhecidos, eu o apresentava como amigo, dando um tom malicioso à minha voz e, sempre que possível, encostando-me nele para tornar mais óbvia a nossa relação, mesmo para os olhos que se recusassem a ver ou para aqueles que se recusassem a crer no que viam. Foi com este ímpeto que embarquei de fato na festa de noivado, para a qual já contava com os convidados Camargo e Marina. Aceitaram o convite, dizendo que estavam encantados com a minha nova relação e que dariam a *“maior força” para que tudo desse certo.*

O travesti Claudinha ofereceu-se para ajudar em casa, cozinhando e fazendo todo o serviço. A princípio relutei, alegando que não precisávamos de uma pessoa todo dia. De fato, temia sem saber ao certo a razão, a presença de um travesti lá em casa. Sempre ouvira falar coisas abomináveis a seu respeito: que eram marginais e que roubavam. Falei claramente sobre isto com Alberto, que me disse que não era este o caso de Claudinha, pois era de boa criação. Acabei aceitando, o que depois eu vi, deu bons resultados. Claudinha cozinhava muito bem, arrumava a casa com todo o capricho. Mas a vantagem maior não foi essa. Consegui em pouco tempo que Alberto vencesse suas inibições e começasse a vestir-se como mulher quando estava comigo.

Lembro-me muito bem a primeira noite em que cheguei em casa e fui recebido por Alberto vestido de mulher. Ele me preparou uma surpresa. Disse que não voltaria comigo – ele continuava servindo cafezinho perto de meu trabalho, embora eu o tivesse feito jurar que pararia de trabalhar quando casássemos – e voltou um pouco antes. Claudinha arrumou-o, ajudando-o a depilar as pernas, braços e peito – o que deve ter sido um trabalho feroz. E deu algum toque mágico nos peitorais de Alberto – bastante desenvolvidos, diga-se de passagem – que algo de seio floresceu.

Quando abriu a porta, vi que estava diante de mim o meu sonho em carne e osso. Num relance, perfilaram-se em minha memória todas as garotas que me atraíram desde menino, isto é, em mais de três décadas de vida afetivo-sexual. E se encontrava diante de mim a síntese de todas as imagens. Nunca me esquecerei daqueles lábios suavemente cobertos de carmim e daqueles olhos tão bem tracejados. Não era apenas isto: havia o corpo. E havia principalmente aquele lançar-se na minha direção que parecia dizer: “Toma-me; sou tua para sempre”.

Jantamos à luz de velas o pastelão de palmito que Claudinha preparou. Na vitrola fiz questão de colocar Chopin, que Alberto – que me pediu para o chamar naquela noite de Beti – confundiu com Mozart e que não consertei para manter acesa naquela noite a chama da perfeição. Depois de servir a sobremesa – que era uma *mousse* de jaca – Claudinha trouxe de seu quarto um trombone de vara e começou a tocar o *Summertime*. Ao som impecável do trombone, fomos para o quarto como se estivéssemos indo para o céu.

De tudo isso para o noivado foi um caminho que trilhamos com rapidez e harmonia. Nem ficamos muito tensos quando chegou a semana em que selaríamos de um modo mais profundo a nossa união. Mandei por Alberto o dinheiro para o concerto de casa de sua mãe e para a compra das cervejas e fui cuidar de meus convidados. Marina e Camargo garantiram a sua vinda preferindo vir comigo a tentar achar a casa da mãe de Alberto a partir de indicações ou de um mapa. Quanto a minha avó, não haveria problemas porque sua saúde continuava muito boa e ela certamente não teria compromissos outros. Tinha assim de me preocupar unicamente com o meu antigo professor de latim.

Acha-lo não foi tão fácil quanto eu pensava. A associação de moradores de qual ele fora presidente tinha se dissolvido e ninguém no bairro em que ele morava sabia da sua existência, quanto mais de sua residência. Voltei ao meu colégio para descobrir alguma pista. Ele tinha se aposentado há quase dez anos e os professores e funcionários não guardavam quase nenhuma lembrança dele. Quando mencionei a um funcionário antigo as preferências sexuais do professor

José Antonio, acreditando que assim reavivaria a sua memória, ele me respondeu que aqueles tempos eram muito melhores: o que era antigamente exceção agora se tornara uma regra e que havia turmas que não aceitavam bem professores que não tivessem algum tipo de desvio.

Passei dois dias bastante desorientado, achando até que devia desistir. Na deveria me preocupar, pensei, já que Marina e Camargo seriam meus convidados. Entretanto, acalentei a fantasia de transportar pela avenida Brasil e pela Rio-Petrópolis o casal, minha avó e meu antigo professor. Era como se levasse a uma festa toda a minha existência.

Tentar pela lista telefônica seria impraticável. Fui dar uma espiadela e vi que havia duzentos e sete José Antonio Martins. Valeu a pena, porém, manusear a lista porque me trouxe à memória o nome da irmã do professor. Chamava-se Diocleciana e ficou razoavelmente conhecida na época em que eu era ginásiano por ter sido uma das poucas mulheres a dirigir motocicleta. Afora isto, tinha muitos filhos e era bem casada, levando o marido sempre à garupa quando saíam para umas voltas. Pensei que se ela neste meio tempo tivesse se tornado viúva, provavelmente o telefone teria passado para o seu nome. E lá estava: Martins, Diocleciana Negromédia. Liguei imediatamente e soube que ela tivera um enfarte e estava no hospital. Perguntei pelo telefone do irmão e me foi dado.

Liguei para o professor, que demorou a atender, e quando lhe disse que queria falar pessoalmente, insistiu para saber o assunto. Expliquei que era um antigo aluno. Disse-lhe meu nome e isto não pareceu ecoar em sua memória. Finalmente, aceitou a ideia de me receber no dia seguinte e deu-me o endereço. Fui lá na hora do almoço, na mesma hora em que Alberto saía de seu trabalho para adquirir alianças.

Encontrei-o na mais completa decadência física. Incrivelmente envelhecido, parecia ter uns oitenta anos e tinha a morte estampada no rosto, sem qualquer expressão positiva. A sua voz, que eu notara bem fraca ao telefone, parecia sair com dificuldade, e ele, embora pudesse andar pelos seus próprios pés, preferia uma cadeira de rodas.

Esperei que o seu rosto se iluminasse de alguma forma quando me visse ou quando eu lhe contasse detalhes sobre o que acontecera entre nós e sobre as previsões. Quando comecei a falar sobre os tempos do ginásio, ele me disse que não haveria qualquer jeito de se lembrar. Tivera muitos alunos e fazia já alguns anos a sua memória começara a falhar inteiramente. Mesmo assim, resolvi contar a razão por que viera vê-lo. Ouviu sem grande interesse, repetindo que não se lembrava de nada. Nesse meio tempo, recebeu um telefonema em que falou sobre o estado de saúde de sua irmã, que piorara. Um travesti que aparentemente servia de empregada veio nos servir café e bolinho de aipim. Parece que havia ouvido nossa conversa, porque me lançou um olhar de cúmplice.

Depois de me ouvir, o professor olhou-me firme pela primeira vez. O seu rosto estava inteiramente enrugado e o corpo magro muito encurvado não parecia capaz de suportar-se a si mesmo. Disse-me que tinha pena do que aconteceria comigo e que eu estava dando um passo inteiramente errado em minha vida. Falou que estava com sessenta anos e parecia ter oitenta porque se entregara desde jovem às dissipações sexuais e que agora estava pagando muito caro. Gastara inutilmente o seu *sêmen*, e até fizera um cálculo. Pediu que eu esperasse por um instante e foi até o quarto na cadeira de rodas. Trouxe umas anotações em um livro de capa de couro azul e começou a recitá-las. Não me recordo bem dos números. Disse que lançara no mundo, sem qualquer proveito, cerca de vinte e oito litros de esperma. E que desencaminhara, de uma vida decente, cerca de cem alunos. Ao longo dos últimos anos, em que começara a sentir remorsos pela vida que levava, entristecia-se muito ao ver na rua algum ex-aluno seu que ele encaminhara para o desvio sexual e que hoje poderia ser um bom pai de família com mulher e filhos.

Já estava ficando tarde, pois eu tinha um compromisso no trabalho logo depois da hora do almoço. Não fui, porém, capaz de interromper o velho professor, que curiosamente quase não fazia citações em latim. Ele começara a fazer um longo e violento discurso contra o coito anal. Disse que a cada ano que se passava ele percebia o erro que era cometido na utilização deste canal de dejetos. Afirmou que

não acreditava em Deus, mas numa força impessoal que tinha ordenado tudo e que fizera cada coisa com o seu propósito. *E que o coito anal não era um pecado, mas uma desobediência às leis naturais. Declarou com a maior veemência que conseguiu apresentar, naquela tarde, que, quando soube da doença AIDS percebeu que tudo o que intuía nos últimos anos estava corretíssimo e que tal doença não era senão um flagelo da natureza contra ações sem sentido.*

Para finalizar, o professor fez um elogio às mulheres. Aqui estava eu ouvindo novamente aquele professor de latim que eu conhecera: o discurso bem contraído, as citações latinas e principalmente um entusiasmo de que o não achava mais capaz. No meio do discurso, abandonou a própria cadeira de rodas e foi para dentro do apartamento, de onde voltou trazendo um maço de fotos de mulheres nuas. E lamentou-se para mim de que durante toda a sua vida desprezara as mulheres. Agora, torcia para que esta história de encarnação fosse verdadeira de modo que retornasse da próxima oportunidade para desta vez dedicar-se inteiramente às mulheres.

Tive de despedir-me e, ao fazê-lo, insisti para que o professor fosse à festa de noivado. Ele tentou recusar, alegando tudo o que havia dito, mas teve de curvar-se diante de minha insistência e da evidente felicidade que a sua presença me daria. Fiquei de pegá-lo no sábado ao meio-dia, a caminho da casa da mãe de Alberto.

Embora o que o professor me dissera pouco efeito sobre mim tivesse no momento – pois o que vi mais flagrantemente foi uma decadência física – horas depois comecei a sentir os efeitos. Comecei a defender-me, reafirmando para mim que eu não me estava tornando um homossexual e que a coisa estava personalizada em Alberto. Se algum dia esta relação terminasse, eu voltaria para a trilha feminina sem problemas. Além disso, procurei provar a mim mesmo que na velhice tudo acaba mal, sejamos homossexuais, heterossexuais ou abstêmios. *E eu invejei um pouco a juventude de Alberto*, que tinha muitos anos pela frente sem ter que se preocupar com a proximidade dos últimos anos.

Nos três últimos dias que antecederam o noivado a alegria alternava-se com a azáfama. Passamos, Alberto e eu, muitas horas procurando alianças. Aquelas que ele havia comprado no dia em que fui ver o professor não me serviram, ficando muito larga em meu anular direito. Eu queria um aro discreto e foi difícil convencer Alberto, que queria uma aliança grossa e pesada. *Depois houve a discussão sobre como iria ele (vestido)*. Embora no íntimo eu preferisse que ele fosse vestido de mulher, achava que ainda não era o caso e que isto deveria ficar para a cerimônia de casamento. Quase brigamos e eu tive de prometer um vestido de noiva bem longo com véu e tudo, para que aceitasse a ideia de uma festa de noivado com trajes normais. Tive, porém, de aceitar que ele fosse de brincos, de bustiê e de salto alto. Admiti, contanto que ele não saísse assim de nosso apartamento, mas que se vestisse na casa da mãe.

Fomos à praia no sábado de manhã para pegar alguma cor e pelas dez e meia já saímos de casa. Primeiro para pegar a minha avó, que, vestida como não fazia havia cerca de seis anos, entrou radiante no carro. Não fiz qualquer esforço para lhe explicar o que ia acontecer. Apenas disse-lhe que ia a uma festa, o que bastou. Depois fui pegar Marina e Camargo, que carregava um embrulho óbvio, o nosso presente de noivado. Camargo fez questão de dizer que driblara um convite de seu chefe para passar o fim de semana em Búzios, por causa do noivado. Marina dizia-se excitada e cheia de expectativas.

Deixei-os no carro quando subi ao apartamento do professor José Antonio. Tive de esperar bastante tempo, depois de ter tocado a campainha e quem atendeu foi o travesti seu empregado. Disse-me que o professor estava pronto para partir quando recebeu um telefonema do hospital, no qual se dizia que sua irmã estava nas últimas. Teve de ir para lá. Confesso que achei de bom agouro não tê-lo entre os convivas.

A festa foi bastante animada e principalmente tranquila. Nunca vira Alberto tão em paz e tão feliz. A casa nem parecia tão pequena quanto na primeira vez que eu lá fora. Alguns móveis tinham sido retirados e as quase trinta pessoas circulavam sem dificuldades. O sarapatel preparado por Alícia foi elogiadíssimo.

Pude finalmente conhecer os dois primos de Alberto que vieram com os seus respectivos maridos. Gostaria de ter tido à mão uma filmadora para captar a graça e a feminilidade da conversa de Alberto com seus dois primos. Parece que até haviam combinado, pois todos estavam vestidos no mesmo estilo. Isto é, ninguém veio com roupa de mulher, apenas com adereços indicativos de sua condição.

De que falavam? Quando me aproximei deles e fui recebido muito simpaticamente pelos dois primos, vi que estavam falando de futebol. Eu já sabia que Alberto gostava de futebol, mas nunca prestara atenção ao ângulo que o interessava. Pude então descobrir que os três sentiam uma atração incrível pelos jogadores. Falavam tanto sobre suas jogadas ou atuações quanto sobre os seus corpos e especialmente sobre as dimensões de seus membros viris.

Não me demorei muito com Alberto e seus primos e fui tomar uma cerveja com Marina e Camargo, que se entretinham com os parentes de Alberto que vieram do Espírito Santo. Eram dois tios que vieram com suas esposas. Os dois moravam na cidade onde nascera Roberto Carlos e passaram boa parte da noite contando o que sabiam de sua infância e de um acidente que ele tivera. Depois de ficar algum tempo com Marina e Camargo, resolvi me aproximar dos maridos dos primos de Alberto, que estavam conversando a um canto, um pouco distanciados da festa.

O dois receberam-me com um sorriso que continha alguma dose de ironia, cuja razão custei um pouco a descobrir. Um dos dois era chofer de ônibus e pude saber que este era o seu terceiro casamento, tendo dois filhos dos seus matrimônios anteriores. O outro era dono de uma papelaria no centro de Caxias e parecia bem posto na vida. Os dois deviam estar beirando os sessenta anos. Falamos sobre a festa e eles elogiaram Alberto. Depois, deram-me alguns conselhos, explicando que rapazes como Alberto ou suas esposas – era assim que tratavam – eram emocionalmente muito instáveis e que eu deveria tomar cuidado para não magoá-los. Finalmente pude saber a razão da ironia: ambos punham dúvidas na instituição do casamento, com quem quer que fosse e depois de ter casado com mulheres e agora com um homem, viam que as diferenças fundamentais eram mínimas e as chateações as mesmas.

No resto da festa eu me dediquei a ficar ao lado de Alberto e a beber, de modo que lá pela madrugada eu já estava bem embriagado. Quis ir embora, mas assim não poderia dirigir. A mãe de Alberto insistiu para que lá dormíssemos, mas nem Alberto nem eu quisemos fazê-lo. Minha avó, que não conversara com ninguém, mantinha-se alerta, e quando ouviu que íamos embora, levantou-se. Camargo acabou dirigindo o carro e deixando-nos em casa.

Nos três meses que antecederam o casamento, a minha relação com *Alberto atingiu uma invejável estabilidade. Não somente nos tínhamos adaptado um ao outro, como também Alberto abandonou de vez a linha porca e começou a apreciar o silêncio ou pelo menos uma casa menos ruidosa. Esta transformação também atingia Cláudia – que também fora ao noivado e que eu não mencionara por nada de especial ter ocorrido com referência a ela – que não apenas refinou mais a sua arte culinária como também se tornou um travesti menos grotesco. Agora tinha se tornado uma prática comum Alberto vestir-se de mulher tão logo chegasse em casa e até combinamos que eu não o veria mais no bar do cafezinho para dele apagar qualquer imagem masculina.*

Entretanto, duas sombras do passado tentaram obscurecer a felicidade do tempo do noivado. Felizmente, estas tentativas foram vãs.

A primeira sombra do passado foi uma mulher muito nova que apareceu no apartamento com uma criança. Era domingo de manhã e nos preparávamos para subir a Petrópolis, onde Marina e Camargo possuíam uma bela casa. Eu estava no quarto quando ouvi a campainha. Alberto – que agora eu chamava quase sempre de Beti – foi atender. Quando cheguei à sala, encontrei-o atônito diante de uma jovem amulatada que carregava no colo uma criança de uns dois anos.

Não demorou muito e soube que aquela criança era um filho de Alberto. Que não negou e que estava profundamente sem-jeito. A mãe da criança estava muito pobremente vestida e não tinha dentes. Nem conseguira, como pretendia, entrar pela porta da frente, pois o porteiro só o permitira pelos fundos. Parecia muito enraivecida e humilhada e olhava com muito ódio para Alberto e também para mim. Perguntei o que queria. Ela disse que Alberto devia ficar com a criança,

agora que ia casar e teria as posses para cuidar dela. Alberto, com um lenço vermelho na cabeça, óculos escuro, vestido branco e sapato de salto alto, gritou que o filho não era dele e que ela – que se chamava Joana – dava para todo mundo. Ela retrucou mostrando os olhos e a testa da criança e dizendo – o que era fato realmente – que eram iguais aos de Alberto.

Quando esta semelhança foi admitida por mim, Alberto perdeu um pouco da confiança com que negava a paternidade, e disse que não podia ficar com a criança. Começou a contar para mim que apenas fora para a cama com Joana quando estava um pouco alto e que nunca tivera nada com ela.

Joana contestou-o, dizendo que eu não sabia com quem estava andando. Que aquela figura feminina que eu tinha a meu lado era um dos homens mais masculinos que existiam no planeta e que fora aquele homem que tivera para si e que infelizmente perdera. *Não desistia de lutar por ele, mas agora sabia que era impossível, embora algum dia Alberto mudasse de novo e se tornasse outra vez um homem.*

Alberto ouvia-a com desprezo, recusando-se a tomar no colo a criança, quando ela foi em sua direção. Então, Joana fez ameaças dizendo que iria colocar a criança em um orfanato se não a tomássemos. Alberto deu de ombros. Eu, porém, disse-lhe que voltasse outro dia que nós resolveríamos. Eu queria conversar com Alberto a respeito de tudo isso.

Depois que Joana saiu, Alberto sentou-se no sofá e começou a chorar fortemente, estragando toda a pintura e manchando até o vestido de linho que eu lhe dera uma semana atrás. Entre soluços, disse-me que eu não devia acreditar naquela mulher, e que ela só viera colocar veneno entre mim e ele. Quanto à criança, admitia que era sua, mas não tinha vontade de tê-la entre nós, pois desejava uma vida só nossa, sem traços de seu passado.

Joana telefonou no meio da semana e voltou à nossa casa no sábado pela manhã. Desta vez não trazia a criança e parecia, a princípio, menos rancorosa. Conversamos com tranquilidade, e Alberto lhe disse que não queria ficar com a criança, mas pretendia ajudar na sua educação. Eu quis saber mais do que tinha

acontecido entre eles e Alberto confessou que tiveram um caso bastante longo e que ele quisera casar com ela, que sempre se recusara. Soube então que Joana era irmã de Arturção, que era mão direita de um importante contraventor. Assim, dos dez até os vinte anos, vivera em excelentes condições, passando até por rica. Tinha uns quinze anos quando conheceu Alberto e os dois passaram a andar juntos. Há dois anos, ela tivera o filho, e logo depois o irmão e o seu chefe foram mortos. Como consequência, Joana, sua mãe e a criança começaram a passar dificuldades. A princípio, Alberto ajudava um pouco, mas no último ano desapareceu completamente.

Foi Alberto quem disse isso enquanto Joana estava calada. Quando parecia ter terminado, ela começou a dizer que ele se esquecera de contar o fundamental: que era uma pessoa interesseira e que só ficara com ela quando as coisas corriam muito bem. E, dirigindo-se a mim, disse que eu deveria ficar prevenido com o tipo que estava abrigando. Nesta altura, lembrei-me de algumas impressões acerca de Alberto e esta aparente confirmação deu-me certo mal-estar.

Nesta altura, o clima de concórdia começou a desfazer-se. Alberto fitou Joana com muita raiva e ela, sem qualquer temor, começou a dizer que ele era uma pessoa falsa, que nem era uma bicha, mas que se transformava conforme as conveniências. Alberto partiu para cima dela e deu-lhe um soco, que atingiu-lhe o seio. Curvada de dor, ela correu para a mesa onde estava o café da manhã, que acabáramos de tomar antes de sua chegada, e pegou uma faca de pão. Felizmente, ela não partiu com a faca para cima de Alberto, mas ficou em posição de defesa, gritando que Alberto não era uma pessoa confiável e que eu ia ver que passo errado estava dando. Alberto ia pegando uma cadeira para jogar em cima dela, quando o segurei. Parece que o meu movimento acalmou-o, pois colocou a cadeira no lugar. Falei a Joana que desta maneira não chegaríamos a lugar nenhum e ela colocou de volta a faca na mesa. Em pouco tempo estávamos sentados conversando.

Joana disse que se conseguisse uma internação para a criança – que se chamava Lourenço – ela preferia, em vez de receber qualquer ajuda, porque não queria ter de cuidar da criança, pois pretendia viajar. Ficou bastante evidente nesta conversa que Joana tinha maneiras finas, que exibia quando desejava, e sei exatamente como não parecia na maneira de pensar muito semelhante aos vizinhos de Alberto e a ele próprio (sic). Perguntou-me ela se eu poderia conseguir uma internação para a criança, de modo que ela pudesse vê-la de vez em quando. Não sabia imediatamente como iria consegui-lo, mas prometi. Daí a pouco, Joana retirou-se, ficando acertado que eu lhe daria alguma coisa dentro de uns dez dias.

Deixei transcorrer o fim de semana como se nada demais tivesse acontecido e, apenas no domingo à noite, tive uma conversa séria com Alberto. Queria saber realmente o que tinha acontecido entre ele e Joana e também se não viriam por aí outras revelações de seu passado. Realmente, eu achava que havia muita coisa na vida de Alberto que ele omitia ou fingia ter esquecido, e eu temia que outras pessoas, como Joana, vendo que ele havia melhorado de vida, quisessem tirar proveito. Também, por uma espécie de sexto sentido, percebia que podia haver algumas complicações de natureza policial que eu teria de enfrentar, à medida que tivesse mais envolvimento.

A conversa com Alberto não foi fácil. Especialmente quando insistia para chamá-lo de Beti, mostrava pouca disposição para ser razoável. Dizia que não havia mais nada em sua vida que pudesse trazer problemas e ficava ofendido se eu teimava em continuar com minhas perguntas.

Como não consegui saber de nada, resolvi continuar a investigação por mim mesmo. Vim algumas vezes almoçar em casa e imprensava Cláudia, que me contou poucas. Soube, por exemplo, que Alberto esteve ligado a um grupo de traficantes de tóxicos, mas que isto tinha a ver com o irmão de Joana. Soube também que Alberto fora preso uma vez por estar vestido de mulher fazendo prostituição no centro da cidade, porém conseguira ser solto logo, sem ter sido fichado.

Achei que não havia esclarecido suficientemente a coisa e resolvi ir ter com a mãe de Alberto e, para justificar esta ida até lá, disse que gostaria de ouvir seus conselhos para me relacionar melhor com o filho. De fato, Alberto nunca soube desta visita, embora também não tenha sido tão esclarecedora. Alícia me disse muito vagamente que havia um senhor que tempos atrás andara querendo casar-se com seu filho. Alberto gostava dele, mas o considerava um tipo suburbano e muito velho. Embora este senhor desse muitos presentes a Alberto e procurasse atendê-lo em todos aos seus desejos, não foi bem sucedido. Alberto começou a fugir, não indo aos encontros marcados, e ele acabou sumindo. Alícia não me disse o nome do tal senhor.

Estes fatos não serviram para terminar com minhas suspeitas. Cheguei a pensar que elas eram infundadas e somente um motivo para não avançar do noivado na direção do casamento. Foi um tempo meio louco. De um lado, eu frequentava lojas de tecidos e de artigos domésticos, preparando o nosso enxoval. No fim de semana, procurávamos um novo apartamento para alugar, porque Alberto não queria continuar no meu atual, porque também tinha seus problemas com o meu passado. De outra parte estava eu em intensa busca para ver se encontrava alguma mancha tenebrosa em seu passado. E quanto menos encontrava, mais crescia a minha suspeita.

Foi também neste período que comecei a perceber como estava ficando ciumento em relação a Alberto. Até então, este era um sentimento inteiramente ausente de meu coração. Agora, especialmente nos dias em que aparecia, Alberto tornava-se mais encantadora, ou, quando ele não punha a roupa simples com que costumava ir ao trabalho, eu ficava a sentir mil espinhos na minha carne. Por mim, trancá-lo-ia em casa para sempre, e nunca o deixaria sair. E quando na rua ou se saíamos de carro e ele olhava na direção de alguém jovem e atraente, eu tinha de conter a minha fúria assassina. Cheguei a pensar na compra de um revólver, pois temia chegar em casa e encontrar Alberto com outro, na nossa cama.

Felizmente, o sentimento de ciúme não teve longa duração e sumiu tão de repente quanto apareceu. Foi infelizmente substituído por outro, talvez pior. Até

aquele momento, nunca me sentira mal com a *diferença social em relação a Alberto. Era como se estivesse cego para as suas mentiras, maneira de vestir-se, as suas infinitas falhas culturais e tudo mais. Agora, de um momento para outro, tudo aparecia à superfície e eu mal conseguia suportar sua conversa por mais de dez minutos. Gostaria de vê-lo sempre calado.*

Ele sentiu tudo isto e muito diretamente perguntou o que estava acontecendo. Tive vontade de dizer, mas percebi que poderia magoá-lo muito. Apenas lhe disse que andava muito preocupado acerca da gente e que vivia tendo uns sonhos em que tudo parecia terminar mal. Ele me disse que poderia ser o efeito de algum despacho que fizeram contra o nosso relacionamento, e aconselhou-me a falar com a sua mãe.

Fui a Caxias num fim de tarde para falar com Alícia, e abri meu coração. Falei das suspeitas, dos ciúmes e até da rejeição que sentia. Ela disse que isto devia ser alguma mandinga que fizeram contra o meu relacionamento com Alberto. Aconselhou-me a fazer um sacudimento, que é um ritual de candomblé, com oferendas aos santos e purificações, para afastar os maus fluidos. Fiz o sacudimento, sem crer ou descrer, e realmente estas turbulências cessaram.

Foi afortunadamente neste estado de espírito que fui procurado por seu Alexandre, nada mais nada menos do que o senhor a que fizera referência a mãe de Alberto. Ele me foi ver no banco e quando se aproximou de minha mesa, vi que se sentia muito inseguro em meio àqueles tapetes e ao luxo das instalações. Estava de terno, que era uma roupa que visivelmente usava muito pouco. A minha secretária tinha anunciado a sua presença, embora eu não soubesse de quem se tratava. Pensei que fosse algum vendedor ou alguém ligado ao meu sítio no Recreio dos Bandeirantes.

Apresentou-se desculpando-se por me procurar na hora do trabalho. Disse que precisava falar comigo, achando que deveríamos procurar outro lugar para a conversa.

O que faria o leitor em meu lugar, caso fosse procurado por alguém que ama mil vezes mais a pessoa que você já pensa que ama intensamente? Vi, desde o

primeiro momento em que sentamos em uma uisqueria perto do trabalho e que ele disse que vinha falar sobre Alberto, que o seu amor estava para o meu como o oceano Pacífico para o Mediterrâneo. Enquanto o meu amor impunha condições, temia, suspeitava, o dele estava acima de tudo, aceitando Alberto como viesse ou se apresentasse. Seu Alexandre soubera do nosso noivado, e vinha ali para me pedir que lhe devolvesse Alberto.

Ele tinha uns cinquenta anos, um jeito de português, mas sem sotaque, e um corpo bastante forte, embora fosse de pequena altura. Ao longo de nossa conversa, mesmo nos momentos em que falava dos tempos felizes com Alberto, seus olhos lacrimejavam.

Passamos quase quatro horas juntos, embora tudo pudesse ser resolvido ou decidido em brevíssimo tempo. Eu queria saber, porém, mais sobre Alberto, e esta foi a oportunidade. Seu Alexandre não tinha apenas amor por Alberto ou desejo de tê-lo para sempre. Era-lhe muito prazeroso falar sobre ele, contar sobre a sua vida, seus hábitos ou mesmo seus defeitos.

Seu Alexandre disse-me que o conheceu havia mais de doze anos. Tinha, como tem hoje, uma loja de consertos de bicicleta. Só que era em Caxias, e agora estava instalado em Vaz Lobo. Alberto, quando foi visto pela primeira vez por seu Alexandre, amou-o sem temperos e sem limites. Teve, segundo me confessou, medo de acabar preso por fazer propostas a uma criança. Para tê-lo sempre junto de si, ofereceu para fazer qualquer conserto que fosse necessário por vários meses, como se fosse uma espécie de garantia. E conseguiu fazer-se amigo de Alícia e do pai de Alberto, para frequentar-lhes a casa, a fim de estar sempre próximo à criança.

Contou-me que nunca gostara de mulher e que fora Alberto poucos homens realmente o interessaram. E, depois de ter perdido Alberto, ninguém mais lhe despertou qualquer desejo. Soube que conseguira obter os favores do menino quando este tinha uns doze anos. Veio-lhe a certeza então de que Alberto seria dele, pois se lhe entregava com muito carinho e muito ardor. Entretanto, quando Alberto tinha uns dezessete anos, apareceu Joana, e os dois se envolveram muito

fortemente e seu Alexandre não conseguiu mais nada de Alberto. Voltou a sair com ele somente anos depois, quando Alberto e Joana não estavam mais juntos. No entanto, foi um período muito breve.

Senti-me apiedado diante de seu Alexandre. Ele ao mesmo tempo que me pedia Alberto de volta, dizia que nunca o teria, porque não tinha mérito para tanto. Dizia que se odiava por ser uma pessoa tão sem atrativos, tão grosseira e burra. Disse que sabia que Alberto considerava-o um suburbano, mas o que devia fazer? Era mesmo um suburbano e nunca suportaria viver na Zona Sul, porque não tinha nada a ver com isso. Achava que também Alberto nada tinha a fazer nesta parte da cidade, e que a sua atração por esses lugares devia-se a uma ingenuidade adolescente.

Quando começou a contar-me a vida que levava, achei que ele estava fazendo um bom esforço para que eu sentisse pena. Descreveu-me a solidão de todas as noites, quando tinha por única companhia a televisão. Falou-me como a vida em geral perdera a graça depois que se separara de Alberto. Contou-me então sobre as suas doenças, que, tinha certeza, decorriam de problemas de amor. Demorou-se longamente no problema do duodeno, os médicos que frequentara, as estações de água que visitara. Tudo inútil. A doença só passou no dia em que achara um pequeno bilhete que Alberto lhe escrevera, convidando-o para a festinha do seu décimo terceiro aniversário. Depois me falou dos pequenos problemas do coração, passando rapidamente pelos problemas das hemorróidas, o qual, segredou-me, Alberto também manifestava desde a mais tenra idade, fato muito raro nos registros clínicos.

Vendo que este desfile de doenças não moveria meu coração, no sentido de entregar-lhe Alberto, seu Alexandre mudou de caminho. Disse que estava certo de que Alberto arruinaria a minha vida, porque eu certamente não estava acostumado com um homem. Ou estava? Perguntou. Contei-lhe como tudo acontecera e ele disse que iria contar a verdadeira história de Alberto. Ou melhor, fazer com que eu soubesse a sua verdadeira natureza. Achei que o seu tom

estava por demais sério e, brincando, perguntei-lhe se Alberto era de outro planeta.

Seu Alexandre disse que eu não estava longe da verdade. Alberto não era de outro planeta, mas havia um detalhe muito estranho em sua história: quando bebê, e isso lhe foi contado pelos pais, sumia inexplicavelmente durante a noite. Eles iam ao seu berço, digamos, à meia-noite, e a criança ali estava. Meia hora depois, iam ver de novo e a criança havia desaparecido, não sabiam como. De manhã, estava de volta no leito. Para entender o que ocorria, consultaram muitos centros espíritas até que chegaram à verdade: uma vizinha do pai de Alberto, que pretendia casar-se com ele, vingou-se, ao ser preterida. Ela fez então uma mandinga para tornar o filho deles invisível, de modo que não o pudessem alimentar e ele morresse de fome. Entretanto, a sua força mágica não era suficiente para fazê-lo desaparecer por mais do que algumas horas.

O chefe do centro espírita mandou que fizessem um trabalho que teria inicialmente como consequência o sumiço de Alberto por dois dias. Depois, ele voltaria para nunca mais desaparecer. A recomendação foi seguida e na mesma noite o bebê desapareceu para só surgir dois dias após. Na mesma semana, souberam que a dita vizinha havia morrido com um osso de galinha entalado na garganta. A partir de então, nada mais aconteceu com Alberto e, pelo contrário, tornou-se uma pessoa que, desde criança, foi capaz de atrair boas coisas para a sua vida.

Quis saber como era possível que tendo tudo isto de mágico acontecido à sua vida, não obtivera Alberto uma boa educação e somente conseguia manter-se servindo cafezinho. Seu Alexandre explicou que, apesar de tudo, ainda recaía sobre Alberto uma maldição: ele conseguiria tudo de bom na vida, mas teria sempre altos e baixos. Assim, subiria bastante, para depois passar por dificuldades e, a seguir, subir novamente, para pontos ainda mais elevados.

Após contar-me isto, seu Alexandre olhou-me de um modo que eu poderia chamar de diabólico e disse que era o escravo da vontade de Alberto. Que estaria disposto sempre a servi-lo, a esperar por ele. E que não se incomodaria de fato se

Alberto casasse comigo ou não porque, mais dia menos dia, voltaria para ele. Perguntei então por que viera conversar comigo, e ele respondeu que o seu objetivo era sempre estar perto de Alberto, e que desejava oferecer-se como padrinho de casamento.

Depois de dizer isto, Seu Alexandre começou a chorar copiosamente e, chorando, tirou do bolso um embrulho que abriu. Continha duas alianças que fora comprar para nós dois, como presente de casamento. Quando lhe disse que já tínhamos alianças, ele ficou desconsolado e prometeu comprar o mais belo presente que a nossa imaginação pudesse conceber.

Já eram mais de sete da noite, e eu disse a ele que era hora de ir-me e que falaria sobre tudo a Alberto. Disse-lhe que me telefonasse dali a alguns dias.

Quando me levantei, vi que tinha bebido um pouco além da conta, pois ficamos na uisqueria das três até pouco depois da sete da noite. Seu Alexandre, também, estava um pouco alto. Andamos pelo centro um bom espaço, ele à procura de um táxi para leva-lo a Vaz Lobo e eu na direção de meu estacionamento habitual. No caminho, ele, ainda choroso, continuou a dizer como gostaria de estar no meu lugar.

Quando Alberto soube que eu estivera com Seu Alexandre, ficou furioso por ter dedicado tanto tempo a ele. Disse-me que era um tipo que não merecia atenção e que eu deveria saber que viera falar comigo disposto a pagar qualquer coisa para que eu deixasse Alberto. Teria visto, porém, que não conseguiria isto comigo e inventara outras razões.

Contei-lhe toda a história sobre o bebê que desaparecia e as mandingas, e Alberto explicou que tudo era invenção do Seu Alexandre para justificar a atração louca que sentia. Quanto ao presente, Alberto disse que não havia problema, e mesmo que Seu Alexandre quisesse ser o padrinho, não haveria maiores consequências. O que seria necessário era não dar tanta atenção a ele, porque, afinal, era inofensivo.

Entre acreditar em Seu Alexandre e acreditar em Alberto, eu obviamente tendia a este último. Entretanto, algumas das coisas que Seu Alexandre me dissera

alertaram-me sobre Alberto. Assim, ao esquadrihar a existência de Alberto, sua maneira de ser, suas ideias, via que predominava uma mediocridade alarmante e até agressiva. Como é que em meio a tudo isso conseguia ele atrair tão interessantemente não somente a mim como, também, dentre os que conheci, Seu Alexandre e a Joana? Desde que o conhecera, ele tinha ocupado a minha mente e o meu coração de um modo tão completo que nem sentia interesse por qualquer outra pessoa, e todos os acidentes dolorosos e lamentáveis com Júlia apagaram-se quase completamente. Entretanto, a história que o Seu Alexandre contara era inteiramente inverossímil.

Esses pensamentos abalaram um pouco a maior aproximação que estava ocorrendo naqueles dias com Alberto, e acho que se o Seu Alexandre buscava resultados certamente obteve alguns. Voltava a sentir a distância e achava que teria depois do casamento de iniciar um processo de educação de Alberto, de modo que uma plena harmonia se estabelecesse. Assim, muitas vezes passava as noites com Alberto, sentado ao seu lado, diante da tevê, mas sem fixá-la, pensando no que deveria ser feito para alçar Alberto a um nível mais elevado. Pensei em um plano de leitura desde Homero a James Joyce, e também de uma audição semanal de um clássico da música, até que absorvesse o gosto mais refinado. Sabia que ele detestava a leitura, parecendo, também, que, a seus ouvidos, a música clássica soava como o ranger de portas. Sabia, porém, que não era por aí e que a convivência acabaria por refiná-lo. Mas quanto tempo levaria?

Felizmente estes intuitos culturais não persistiram e eu ficava satisfeito com a sua mera presença. Na semana que se seguiu ao encontro com Seu Alexandre, achamos um bom apartamento no Leme que aluguei, e começamos a mobiliá-lo. Vi que havia óbvia divergência de gosto entre nós. Chegamos a um acordo: o quarto e a cozinha ele decoraria e a sala e o escritório ficariam sob minha responsabilidade.

Se eu fosse descrever como ficou a nossa alcova, como eu a chamava, e Alberto, depois de saber do que se tratava, também, começou a assim a nomeá-la, pareceria que tenho um preconceito contra os gostos populares. Não diria que

tenho preconceitos, mas sim que existe uma marcante diferença entre o que apreciamos. Parecia mais um quarto de bebê do que o lugar do amor entre adultos. Custei um pouco a aceitá-la, mas acabei vendo que era aquela a realidade que eu adotara e que devia amá-la no seu próprio jeito. Também vi que Alberto não se sentia bem na sala e no escritório, decorados segundo o estilo “*high tech*”. Acabou, porém, acostumando-se.

O apartamento e a sua decoração não foram o maior problema que tivemos que enfrentar. O dia do casório aproximava-se e eu não tinha a menor ideia de como seria. Evidentemente, uma mera repetição da festa de noivado não faria sentido, inclusive porque Alberto pretendia pôr um vestido de noiva, que estava quase pronto, estando já marcada a prova final para a próxima semana. Eu estivera na costureira com Alberto e achei deslumbrante o vestido e a maneira como caía em seu corpo. Cláudia também veio conosco e ficou dois dias inteiros a falar do vestido. O próprio Alberto pareceu incensado pela maneira como lhe caíra a roupa, e ficou acalentando a ideia de se tornar manequim. Tinha eu à noite de ficar assistindo na sala a um desfile de roupas, Cláudia ficava com a responsabilidade da música e eu tinha de fazer o locutor, anunciando o modelo, enquanto Alberto vinha do corredor e ia na direção da cozinha, meio dançando, como é atualmente o estilo dos desfiles.

Numa destas noites, Seu Alexandre telefonou, perguntando se poderia ser o padrinho e eu lhe respondi afirmativamente. Ele disse que faria uma surpresa com o presente e perguntou se não nos poderia visitar, porque estava perto da nossa casa. Em meia hora ele estava entre nós, assistindo ao desfile de modas e aplaudindo maravilhado.

Estes divertimentos aliviaram-me um pouco da preocupação com a festa de casamento. Alberto não queria pensar como seria, deixando-me toda a responsabilidade. Apenas disse que gostaria que houvesse uma cerimônia religiosa e me mandou arranjar um padre.

Senti na forma com expressou o seu desejo que aquele era um momento crucial de nossa relação. Realmente, não percebi logo que não poderia falhar na

realização daquele desejo de Alberto. Foi pouco a pouco que vi que o seu tom de voz queria dizer: é esta a hora de provar o seu amor por mim; se falhar, não me terá mais. Nunca, até aquele momento, tinha visto a intenção de Alberto de colocar-me à sua mercê. E senti que a realização da cerimônia com um padre era como a prova que as princesas medievais exigiam de seus pretendentes.

Desorientado, saí em campo. Que padre aceitaria fazer aquele papel? Estava eu também tão afastado da igreja que talvez ignorasse os seus novos rumos. Havia ouvido dizer que muitas transformações haviam ocorrido, mas duvidava que já tivessem atingido a fase do casamento de pessoas do mesmo sexo. Também não poderia eu bater de porta em porta, à procura de um, explicando o meu problema, porque isto seria no mínimo ridículo, e correria o risco de ser escorraçado, ou até mesmo internado.

Depois de muito pensar, decidi que o problema poderia ser resolvido de duas maneiras. Ou encontraria um padre verdadeiro – o que achava muito difícil – ou trataria com alguém para vir vestido de padre e realizar a cerimônia. Teria de guardar o segredo para sempre, mas isto não me parecia tão difícil.

Percorri os dois caminhos alternativos simultaneamente. Cheguei a um amigo de Tânia que era ator de teatro e lhe expliquei o problema, que ele achou muito divertido. Disse-me que não era difícil arrumar as vestimentas e todo o aparato necessário. Combinamos que ficaria preparado para a sexta-feira à noite, dentro de duas semanas, tendo até prometido arrumar um parceiro, que faria de coroinha. Propôs, também, o ator, que se chamava Mario César, que fosse preparado um sermão apropriado para a ocasião, tendo se oferecido para escrevê-lo.

Tranquilo com esta alternativa parti, seriamente, para encontrar um padre de verdade. Que minhas palavras não sejam tomadas como crítica à Santa Madre: depois de ter estado afastado por tanto tempo, até me espantei com as transformações. Claro, lera muito superficialmente nos jornais a polêmica sobre a teologia da libertação e ouvira falar em padres marxistas. Na minha pesquisa, fui

encontrando padres que eram tão pouco padre que mesmo que se dispusessem a realizar a cerimônia, certamente causariam frustrações que o ator não produziria.

Depois de conversar com diversos padres da linha mais liberal, sem lhes contar o meu propósito, mas apenas para sondar até onde ia o seu liberalismo, pude perceber que estavam menos interessados nas questões da libertação sexual do que nos problemas sociais. Diante de um que dirigia uma paróquia lá pelos lados de Nova Iguaçu, senti-me à vontade para contar o problema e ele me disse que se o casório fosse entre pessoas de classe dominada – dois operários, por exemplo – se disporia a realizá-lo não publicamente, mas reservadamente. Entretanto, via obviamente que se tratava do casamento entre um tipo de classe dominante – eu – e de outro, da classe oprimida. Desta forma, não se coadunava com sua ideologia libertária.

Senti-me agredido por esta resposta, pois tomei-a como uma desconsideração a minha pessoa. O padre sentiu que tinha me ferido e preocupou-se em me ajudar. Disse que havia um padre, o Romeu, que andava não sabia onde e que provavelmente aceitaria realizar esse casório. Não podia garantir que o padre Romeu encontrava-se ainda na Igreja Católica, mas certamente sua cerimônia teria todas as características de um rito romano.

O que me foi contado acerca do padre Romeu ter-me-ia feito desistir, não fosse a premência do tempo e a carência de alternativas. Ele pretendia, no início da vida, ser um santo, pois era dado a momentos de êxtase místico. Entretanto, estes estados não tinham repercussão no restante de sua vida. Sendo em geral uma pessoa intratável, em pouco tempo tornou-se odiado pelos fiéis de sua paróquia e por seus superiores. É que possuía o estranho dom de descobrir imediatamente os defeitos dos seus semelhantes. Tentava então ajudá-los no combate aos defeitos, mas de uma forma que sempre apresentou poucos resultados. É que ignorava completamente a lição evangélica de que uma pessoa é capaz de ver um cisco no olho do próximo e incapaz de ver uma trave no seu próprio. No dia em que o padre Romeu mostrou ao seu bispo que ele realizava raciocínios bastante carentes de lógica e que empregava certos termos com um sentido inteiramente

errado, pode-se dizer que estava sendo lançado à grande perda do seu castelo de erros clericais. Logo com aquele bispo, cujo orgulho íntimo mais profundo era acerca de sua própria inteligência. Os fiéis, que de início tinham razoável simpatia pelo padre Romeu, começaram a detestá-lo, porque em qualquer conversa ele logo se referia ao que considerava ser o defeito central de sua personalidade. Como vai a inveja? Como vai o desejo da esposa do vizinho? Era esta forma em que cumprimentava. É claro que, em pouco tempo, viu-se tremendamente isolado. Fortes pressões foram feitas para que fosse desligado da paróquia – que abrigava uma população de classe média de religiosidade também média – e ele acabou sendo enviado para perto de uma favela, onde predominavam a macumba e as seitas protestantes. Considerou esta remoção não como castigo, mas como prêmio, já que mostraria a sua fé na luta contra as outras crenças. Estava certo de que, em pouco meses, a sua igreja, que andava às moscas, ficaria lotada em todas as missas. Foi um erro lamentável. Em três meses, os vinte e poucos fiéis que recebera de herança do seu antecessor – que, incapaz de aumentá-los, tivera ao menos o mérito de mantê-los – reduziram-se a dois: duas velhas semicegas e surdas e, assim, incapazes de perceber o que o padre Romeu lhes dizia. O resto tomou o seu último horror pela Igreja Católica, que confundiram com o padre Romeu, e distribuiu-se entre os macumbeiros e os pentecostais.

Em vez de esta experiência servir-lhe como lição, a indicar-lhe mudanças na maneira de agir, o padre Romeu considerou-a indicativa de uma falha gravíssima no cristianismo. Tratou de escrever semanalmente uma carta ao papa. Lavrada em um latim sofrível, contestava os artigos de fé mais elementares. Além disso, considerou inteiramente errada a aceitação por parte da igreja católica de uma convivência com os protestantes e os animistas, como chamava o pessoal da umbanda e do candomblé. Para mostrar uma atitude diferente, partiu para interromper cultos protestantes, envolvendo-se em brigas, sendo que, numa delas, levou um tiro de raspão na cabeça e por pouco não morreu. Coisas semelhantes fez em dois centros do morro, tendo uma vez interrompido uma pomba gira, quebrado tudo e gritado que ali estava para expulsar, em nome de Deus, o

demônio do corpo de todos. Na segunda vez em que fez isto, foi surrado a pau, tendo quebrado algumas costelas e perdido cerca de cinco dentes. Para curar-se, teve de passar quase dois meses em um hospital, do qual saiu para internar-se em um sanatório psiquiátrico.

Não soube de muitos detalhes acerca do quase meio ano que durou o seu tratamento psiquiátrico. O certo é que de lá saiu com características bem diferentes daquelas que haviam transformado a sua vida em um caminho de equívocos e conflitos. Tornou-se mais humilde, tendo abandonado qualquer ideia de santidade e, ao que parece, começou a entender melhor o ser humano. Tornou-se de fato um dos padres em que a prática cristã era mais clara e óbvia. O único e grave problema era que tais características desapareciam quando parava de tomar os remédios psiquiátricos. Bastava deixar de tomá-los por uma tarde e, já à noite, o antigo padre Romeu estava de volta, com todas as suas ideias e maneiras de agir.

Esta nova condição colocou um problema para os seus superiores. Com suas novas características, seria ótimo dar-lhe uma nova paróquia, pois certamente haveria de fazer o cristianismo avançar. Entretanto, havia sempre o risco de retornarem as características antigas e ele pôr tudo a perder. Foi decidido que o risco era grande demais e não lhe foi dada nenhuma paróquia, com o que não se importou. Tornou-se então uma espécie de padre itinerante, desligado de qualquer paróquia e de qualquer compromisso, com o direito de dormir onde bem lhe aprouvesse, mas com um lugar fixo para as suas coisas em um mosteiro. Considerou-se mais caridosa uma solução desta natureza do que o seu desligamento e perda da batina, porque isto poderia redundar em novas interações e na destruição total de sua vida.

A princípio esperou-se que ele se voltasse para uma luta contra as outras religiões. Esta expectativa apenas mostrou que não havia sido entendida a sua mudança. Seus interesses eram outros. Em primeiro lugar, os animais, que se tornaram o objeto maior de seu amor. Dedicou-se especialmente a realizar-lhes o enterro e o acasalamento. Não tinha preferências, embora, mais frequentemente,

lhe caíam nas mãos cães e gatos. Propôs e lhe foi permitido realizar o casamento de dois hipopótamos no zoológico, o que teve até cobertura da imprensa escrita e falada e televisionada, não tendo sido tornado público a pedido das autoridades eclesiásticas.

Outro interesse do padre Romeu eram os suicidas e também os que falharam em suas tentativas. Não chegava a aprovar o suicídio, mas não o desaprovava tão rigidamente quanto a Igreja. Buscava saber dos suicídios e aproximava-se das famílias. Neste terreno, de vez em quando aparecia o antigo padre Romeu, quando os familiares do morto percebiam uma certa aprovação. Chegou a ser expulso de dois ou três velórios, ao insinuar que o morto havia tomado uma decisão não de todo incorreta.

O lugar mais certo para encontrar o padre Romeu era o Instituto Médico Legal, aonde ia para saber dos últimos suicídios. Fui uma vez até lá e ninguém o conhecia. Tive de voltar mais três vezes até encontrar um funcionário que sabia de sua existência. A dificuldade estava que o padre Romeu não ia de batina ao IML e também procurava agir da forma mais discreta possível. O funcionário que o conhecia prometeu telefonar-me assim que o padre lá estivesse e também tentar fazer um contato direto entre nós. Passaram-se vários dias e o casamento se aproximava, sem que eu obtivesse qualquer notícia. Voltei ao Instituto e vi que tinha de dar uma passada duas ou três vezes ao dia até encontrá-lo. E aí estava eu, a menos de duas semanas do casamento, tratando de uma série de detalhes e ao mesmo tempo frequentando aquele lugar.

Acabei por encontrar o padre Romeu numa segunda-feira, cinco dias antes da festa de casamento. Foi no fim da tarde de um dia bem agitado. Tinha eu ido na hora do almoço para ver com Alberto o vestido de noiva, numa costureira que ficava no Encantado. Já na viagem, eu tinha brigado com Alberto, que não dava qualquer mão na organização da festa. Ele disse que, como noiva, não podia se preocupar com esses detalhes, porque já estava suficientemente nervoso. Fiz-lhe ver que se não desse alguma ajuda, a festa não iria sair direito. A sua mãe estava mal de saúde, tendo fortes acessos de bronquite e uma estranha dor na perna do

pé amputado. Tinha eu de cuidar dos doces e salgadinhos, dos convites, das bebidas e da música, e isto exatamente em uma semana em que o trabalho apertava e eu ainda tinha de achar o tal padre. Parece que a menção ao padre emocionou Alberto, que se dispôs a ajudar, o que realmente fez nos dias seguintes, com um custo emocional alto, sem dúvida: no dia do casório, achava-se quase trêmulo e bastante abatido. Na costureira, Alberto teve um ataque de nervos e mal consegui contê-lo em sua fúria. É que o vestido estava acentuando demais o seu traseiro e ele achava que aquilo não ficava bem em uma festa de casamento. A costureira ficou muito ferida com suas críticas e, se eu não intercedesse, teria desistido da confecção.

Quando o funcionário do Instituto Médico Legal apontou-me para aquele rapaz de vinte e poucos anos, dizendo que era o padre Romeu, pensei que estava brincando. Pensara sempre em um senhor de quase cinquenta anos. Fui em sua direção, quando ele se encaminhava para a sala de autópsias e, ao abordá-lo, percebi em seus olhos um contato muito tênue com a realidade.

Ele parou no meio do corredor e perguntou o que poderia fazer por mim. Não pude lhe responder logo, porque entre nós passou um carrinho trazendo um corpo. Esperei que o carrinho passasse para depois lhe dizer que precisava que ele oficiasse um casamento. Ele perguntou qual era o bicho e eu lhe disse que era entre pessoas: entre dois homens. O padre Romeu não se espantou. Apenas falou que precisava pensar um pouco. Deu-me um telefone e pediu para que eu ligasse no dia seguinte.

No dia seguinte, liguei para ele de manhã e à tarde, mas não consegui encontrá-lo. Esperava que atendessem de uma igreja ou de um mosteiro, mas tratava-se de uma casa de família. Respondiam secamente e diziam não saber quando o padre apareceria. Somente no dia seguinte, na hora do almoço, consegui falar-lhe. Ele me pediu que fosse à noite e deu-me um endereço na Penha.

Alberto não parecia contente com todo o meu esforço. Não que tivesse começado a dar pouca importância a um padre. Continuava a achar essencial esta

presença. Havia eu notado, porém, nos últimos dias, uma nova maneira de ser de Alberto: olhava-me como se fosse uma dama a quem eu devia todas as obrigações. Esta atitude não era apenas em relação a mim. Cláudia por duas vezes reclamara por ter sido tratada como uma simples empregada.

Foi pensando nesta maneira de ser de Alberto que me dirigi à Penha. Faltavam três dias para o casório e eu ainda tinha muita coisa a fazer. Calculei que a viagem e a conversa com o padre tomariam, no máximo, umas duas horas e meia e eu poderia dormir cedo.

Acabei ficando com o padre Romeu até às quatro da manhã. Não esperava nada do que aconteceu. Estive com ele em seu pequeno e abafado quarto em uma casa de cômodos bastante arruinada. A maior parte da casa era tomada por pequenos quartos, onde, ao que me pareceu, moravam famílias inteiras. Em uma grande sala, logo à entrada, ficava um pequeno cassino, onde, durante o dia, anotava-se jogo do bicho.

Se o padre não me tivesse esperado na porta, encontraria dificuldade para achar o seu quarto e temeria andar pela casa, pois me pareceu que em qualquer canto mais escuro poderia ser assaltado. Ele me levou ao quarto, cujas paredes estavam cobertas com reproduções de quadros de santos. Ele foi logo ao assunto. Disse-me que há muito tempo recebera uma mensagem do Criador de que seria procurado por mim, de modo que não estranhara o encontro no Instituto Médico Legal. Disse que o meu casamento com Alberto representava o início de uma nova era em nosso sistema solar e que por isto considerava natural que ele, Romeu, oficiasse o casamento. Considerava que os casamentos heterossexuais, que haviam predominado até o presente, indicavam tão somente a base animal das relações amorosas, e que a relação homossexual era a indicação de que o homem começara a transcender a condição animal. Não podia concordar, porém, com os aspectos carnis, que deveriam ser inteiramente espiritualizado.

No momento em que estava falando sobre a relação espiritualizada, percebi que o padre perdia um pouco o fio do que estava dizendo. Ficou por instantes mudo e então começou a fazer o elogio ao suicídio. Disse que os verdadeiros

santos são aqueles que conscientemente buscam livrar-se do fardo da existência, dando cabo da própria vida. Disse que todas as seitas e religiões que combatem o suicídio representam a alienação fundamental da humanidade e que é uma pena que ele, Romeu, não tivesse mais energia e mais saúde, porque iria pelo mundo fazendo uma pregação do suicídio. Como estivesse vendo a perplexidade em meus olhos, ele ficou aparentemente confuso e disse que sabia que estava saindo do assunto, mas que tinha de aproveitar a ocasião para falar-me sobre o fundamental. E deu o que não deixa de ser uma teoria interessante do suicídio. Explicou que cada vez mais a vida para um número maior de pessoas tornou-se um divertimento, entremeado por obrigações. E o que fazemos quando não estamos considerando suficientemente um programa de tevê, um show ou um filme? Desligamos o aparelho e saímos. A mesma coisa vale para a vida: se a considerarmos chata, monótona ou insatisfatória, desligamo-la.

Perguntei-lhe sobre a alma dos suicidas, e ele disse que não há qualquer problema, que era mentira o que tinha sido propalado a respeito ao longo dos séculos. Citou certas revelações que tivera da parte do Criador e que estava certo de que a alma de um suicida é tão bem tratada como qualquer outra que faz preponderantemente o bem na terra. E que disse que já se teria suicidado há bastante tempo, caso não soubesse que tinha uma missão nesta vida.

Tudo isto mais do que beirava o lunático, e eu estava começando a ouvir o padre Romeu com aquela paciência limitada com que prestamos atenção à conversa com os dementes. Ele pareceu notar a minha atitude e disse que eu aceitaria o que ele estava dizendo se lhe desse um tempo para mostrar-me que não estava falando por falar. Pediu-me para sentar na cama ao seu lado, tirou sete contas de um rosário e começou a lançá-los como se costuma fazer com os búzios.

Realmente, me surpreendi. O padre Romeu começou a falar sobre o meu passado, acertando nos menores detalhes. Falou do papai e de seus problemas no banco, e das doenças de mamãe. Depois, falou longamente sobre o meu

casamento com Júlia, destacando o problema do envenenamento e dizendo que fora um grande erro o nosso.

Não é difícil de presumir o meu estado diante destas revelações. Sabe-se que desde sempre os adivinhos e videntes abalaram reis e seus mais humildes súditos e não pouparam doutos ou ignorantes. Depois do que apareceria a qualquer um como um amontoado de insanidades, ouvir do padre Romeu tantos acertos serviu para me desorientar ainda mais: chegou a mexer com um lado místico de minha personalidade que jamais tinha se manifestado. Na verdade nem consegui pensar direito o que ocorria à minha mente, pois me encontrava boquiaberto diante das revelações. Pois outras foram apresentadas: falou no filho de Alberto e em Joana, no Seu Alexandre. No que toca ao futuro, disse que não pretendia alongar-se. Declarou de início que a minha relação com Alberto não seria muito longa e que, logo após o casamento, tornar-se-ia inteiramente claro que não fomos feitos um para o outro. Chegou a perguntar por que eu insistia neste matrimônio, e se eu não percebia as diferenças flagrantes entre nós. Não lhe respondi, pois, apesar das diferenças, acreditava que no fundamental a nossa união era não apenas possível como desejável. Entretanto, o padre Romeu alertou-me para o fato de que uma dificuldade final iria interpor-se entre mim e Alberto, sendo, não obstante, superada. E, para concluir, anunciou com uma voz inesperadamente flamejante que o meu próximo casamento deverá ser tão extraordinário que o que realizarei com Alberto parecerá nada mais do que convencional.

Quando se calou, o padre Romeu tinha um ar de imenso cansaço, e ficou calado por muito tempo, enquanto guardava as contas no rosário. Disse, então, que não poderia ter-me mais consigo, pois já era tarde e tinha de preparar as orações da noite. Voltei a falar-lhe sobre a cerimônia de casamento e ele me garantiu que lá estaria. Perguntei-lhe se não seria melhor que eu fosse pegá-lo no dia e o conduzisse de automóvel. Ele pediu o endereço que lhe forneci. Falou então que conhecia Caxias e arredores como a palma da mão e prometeu lá estar às cinco da tarde do sábado seguinte.

Fui para casa obviamente satisfeito por ter resolvido o problema, embora não estivesse certo de seu cumprimento da palavra — não que o considerasse um falso, mas devido às características bem óbvias de sua mente.

Já que a dificuldade do padre estava aparentemente superada e as obrigações da festa tinham sido distribuídas, achei que poderia utilizar o restante da semana para resolver o problema do filho de Alberto. Este, ainda furioso com Joana, nem queria ouvir falar dela ou do filho. De fato, nestes últimos dias, andava ele francamente nervoso e apenas conseguia um pouco de calma tomando um tranquilizante e fazendo crochê. Trabalhava à noite com rapidez, um pouco ajudado por Cláudia e, em poucos dias, fez meia dúzia de lindos paninhos de mesa. Até cheguei a sugerir-lhe que passasse uma noite fora de casa, na Cinelândia, se fosse o caso, ou até na galeria Alaska, para comemorar a sua despedida de solteiro. Recusou a ideia e até pensei que estava deprimido, o que negou.

Sentia que havia algo de errado com Alberto, e como ele se recusasse a falar a respeito, fui ter com sua mãe. Não apenas desejava ver se os preparativos da festa estavam bem encaminhados como saber das obras que eu pagara. Uma parte delas tinha sido feita antes do noivado e o restante só ficaria pronto na semana do casamento. Era uma extensão da cozinha, que dobrava de superfície.

Na noite em que falei com a mãe de Alberto, ainda estavam na casa os restos dos materiais de construção. A obra propriamente dita tinha sido concluída no dia anterior. Achei que tudo tinha sido feito com muito capricho e, ao conversar com o pedreiro, combinei que um dia ele iria ao sítio no Recreio para fazer uns consertos na casa. Quando o pedreiro retirou-se, abri meu coração à minha futura sogra, contando como Alberto estava. Ela me tranquilizou, dizendo que ele era dado a estes nervosismos e que foram muito marcantes em duas ocasiões: antes da primeira comunhão e antes de começar a servir o Exército. Nas duas situações, chegara a passar dias a chorar, como se uma tragédia estivesse por acontecer. Prometeu-me que no dia do casamento Alberto estaria ótimo e, para ajudar, deu-me uma erva e pediu que pusesse às escondidas no café de Alberto.

Falei-lhe, também, sobre o filho de Alberto e ela mostrou um ódio tremendo por Joana. Disse que quando o irmão estava vivo e eles estavam bem de vida, Joana conseguira com o seu dinheiro o apoio de uma formidável mãe-de-santo para encantar e envolver Alberto. Depois, a força se desfizera e felizmente Alberto ficara livre. Dessa forma, eu não devia me preocupar com Joana e com a criança, porque nada aconteceria. Disse-lhe que achava que tinha de fazer alguma coisa e que, tendo conhecimento na FUNABEM, iria conseguir uma internação. A conversa parou por aí e depois de uma despedida calorosa voltei para casa, onde encontrei Alberto acordado, tricotando e com um ar infeliz. Chamei-o para dormir e fomos logo para a cama.

Minutos depois de ter apagado a luz, quando eu estava quase pegando no sono, percebi que Alberto soluçava baixinho. Perguntei o que estava acontecendo, e ele, a princípio, não disse nada. Insisti, e então ele disse que não merecia tudo aquilo e não me merecia. Ficou novamente calado por bastante tempo, ainda soluçando. Então, começou a falar e vi um Alberto que raramente se me apresentou antes nem depois destes momentos. Estava, sem dúvida, muito próximo, abrindo-se ao máximo. Mas esta abertura exibia uma pessoa que se odiava a um grau quase insuportável e que se considerava a mais torpe e mais vil das pessoas. Batia no próprio rosto, chamando-se de bicha fedorenta e de pobre diabo de Caxias. Falou que só servia mesmo para ser minha empregada e que iria embora na manhã seguinte; tentei acalmá-lo. Trouxe um pouco de água, à qual misturei um pouco da erva que sua mãe me dera. Em pouco tempo parou de chorar e, dizendo que desde criança sabia que tipo de gente iria ser, adormeceu em meus braços. De manhã, pediu desculpas pelo que chamou de presepadas da noite e saiu para o trabalho antes de mim, sorridente e despreocupado.

Neste dia, consegui desembaraçar-me logo cedo de minhas obrigações no trabalho e fui para o centro de internação da FUNABEM. Tinha marcado um encontro com um diretor que era muito amigo de papai. Recebeu-me bem, mas não conversamos por muito tempo, pois ele ligou para o setor competente e me

mandou falar com uma mulher de nome Rosa, que me ajudaria a tomar todas as providências.

O diretor tinha o seu gabinete no centro da cidade, e o setor em que Rosa trabalhava ficava no subúrbio. Fui para lá na mesma tarde, levado por um carro da instituição. Rosa não se encontrava em sua sala e fui com um funcionário até o pavilhão onde tinha ido resolver um problema. Fui encontrá-la cercada de crianças, em sua maioria escuras e com um ar de pobreza e de abandono. Neste meio, com uma roupa que estava na última moda e coberta de joias, estava uma loura extremamente bonita e vistosa. Encantei-me instantaneamente e quando ela olhou na minha direção deu-me um sorriso que percebi refletir uma relação igual à minha. Prolonguei a nossa conversa ao máximo, pois o assunto da internação foi rapidamente resolvido. Antes de sair, convidei-a para jantar naquela mesma noite.

Rosa não era do Rio de Janeiro. Vinda do Paraná, estava por aqui há dois anos e morava em Copacabana. Falava com enorme fervor de seu trabalho e tinha uma curiosidade muito vasta e era uma excelente contadora de casos. Durante a hora em que conversamos na FUNABEM, ficamos tão envolvidos que até parecia não estarmos em ambiente de trabalho. No jantar, a conversa prosseguiu com a mesma intensidade. Pude saber que ela era filha de um fazendeiro, mas que resolvera viver por conta própria inicialmente em São Paulo e agora no Rio. Entramos em um enlevo tal que em pouco tempo já fazíamos planos de coisas que faríamos juntos e até uma viagem pelo Nordeste apareceu entre nossos planos. De vez em quando, durante o jantar, a imagem de Alberto aparecia em minha memória e eu ficava envolvido por sentimentos muito confusos. De relance me pareceu que tudo o que estava fazendo com Alberto não era senão uma loucura completa e que quando eu caísse em mim, só me restaria dar cabo da vida. Além disso, ficava tão flagrante a nossa diferença cultural e de maneira de ser.

Como se costumava dizer antigamente: tudo aconteceu tão rápido. Quando levei Rosa em casa, ela me chamou para subir. Já tínhamos bebido um pouco e ela me ofereceu mais. Em pouco tempo, já estávamos em sua cama, onde nos comportamos como se estivéssemos estado em abstinência por dez anos. Parecia

que ao saciar o desejo, ele se tornava mais intenso, de modo que eu próprio sugeri que parássemos porque nos consumiríamos inteiramente. Além disso, precisava dormir em casa. A poucos dias do casamento, seria horrível criar uma situação destas com Alberto.

Antes mesmo que eu lhe pedisse o telefone, Rosa quis saber o meu. Isto foi no momento em que saí de seu apartamento, quando estávamos os dois muito despertos e com uma excitação quase incontrolável. Dei-lhe o telefone de meu trabalho e logo de manhã ela me ligou, chamando para um almoço. Quando ela chegou ao restaurante, eu já me achava sentado e realmente estremei ao vê-la. Estava muito bem vestida. Não sei direito se era de organdi ou de seda, pois não entendo de tecido, mas era um vestido que ao mesmo tempo acentuava e escondia e que me fazia desejá-la ao mesmo tempo despida e vestida. Ela parece que percebeu o efeito de sua chegada e, pelo visto, demoniacamente, sapecou-me um beijo na boca, exatamente quando eu estava comendo duas azeitonas pretas, das pequenas. Quase engoli os caroços.

Não sabia se era o caso de agradecer aos céus por ter diante de mim uma mulher como Rosa ou se isto aparecia como um castigo pela minha teimosia numa relação antinatural como a que eu estava tendo com Alberto. Enquanto eu conversava com Rosa, fazia um grande esforço para achar algum defeito, de modo a reduzir a sua ação sobre mim. Foi, porém, muito difícil, senão impossível. Ela tinha até um maravilhoso senso de humor, que utilizava para ironizar a própria beleza. Dizia, por exemplo, saber que tudo aquilo iria embora dali a alguns anos e chegava a chamar de fardos os seus encantos. E se posso ter dado a impressão de que era uma mulher impulsiva, não fui de todo correto. Ela de fato tinha momentos de impulsos e, até, o que hoje se chama de autoritários. Entretanto, também, era capaz de cair em um lindo silêncio reflexivo, em que parecia captar a poesia que se encontra nas dobras das coisas.

Quando ela me disse para ir à sua casa à noite, fui muito franco e perguntei-lhe se era uma espécie de Messalina ou se tinha furor uterino ou coisa parecida. Pode parecer que fui indelicado ou mesmo grosseiro ao fazer uma pergunta dessas,

especialmente diante de um manjar alvíssimo que, regado com calda de ameixa, íamos comendo compassadamente. No entanto, ela achou inteiramente natural a pergunta e disse-me que estava a ponto de falar comigo a respeito, temendo, porém, um mal-entendido. Chegamos à conclusão de que todo este fervor sexual – na verdade ela teimava que era fervor e eu achava que se tratava de uma ebulição – era o resultado de nosso encontro, pois jamais tinha acontecido algo semelhante na vida dela. Na minha, como já contei, tive momentos semelhantes, mas sempre à base do afrodisíaco de Júlia.

Embora nós dois tivéssemos de voltar logo ao trabalho, não foi possível deixar esta conversa para mais tarde, mesmo tendo acertado o encontro à noite. Rosa falou-me sobre os seus dois casamentos, nos quais disse ter sido pouco feliz. Não entrou em detalhes, dizendo apenas que o primeiro marido era muito irresponsável, gostando de jogar, tendo os dois de passar dificuldades por ter perdido todo o salário na mesa de pôquer. Sobre o segundo casamento, apenas disse que terminou depois de uma surpresa desagradável, que imaginei envolver adultério. Ela não entrou em detalhes. Os últimos momentos do almoço foram dedicados ao silêncio, a beijos, carícias e abraços, enquanto aguardava o cafezinho e a conta.

Sabendo que voltaria tarde, resolvi dar um pulo à tarde no bar em que Alberto trabalhava. Não havia mais segredo a respeito de nossa relação. O dono sempre me cumprimentava quando eu por lá aparecia. Desta vez, disse que pretendia ir ao casamento. As duas moças que serviam café com Alberto também me tratavam com muito carinho, tendo uma delas, a Dalva, me ensinado uma simpatia que é capaz de fazer parar de roncar. Alberto tinha reclamado para ela que eu roncava muito e ela aconselhou a simpatia – eu tive de usar costurado na cueca um pequeno embrulho que continha pele de rã e folha de mamoeiro. Deu certo. O único empregado do bar que não parecia ir com a minha cara era o que trabalhava com sanduíches. Alberto suspeitava que ele lhe tinha alguma paixão oculta, mas jamais tivera a coragem de reclamar. Chamava-se Onofre e era um mulato alto e forte e que uma vez ou outra revelava maneiras femininas. Uma vez, quando lhe

pedi para fazer um sanduíche de pernil, percebi que talvez tivesse inveja de Alberto pelo caso que estava tendo comigo.

Como sempre fazia, Alberto serviu-me o café e, não havendo muito trabalho, saiu do balcão e fomos até a rua, para conversar. Ele continuava um pouco nervoso e parece ter sentido que eu não estava muito próximo. Antes mesmo de eu falar sobre a noite, ele perguntou se eu voltaria cedo e, como eu dissesse que não, alegando ter um encontro de negócios, baixou o rosto e não disse nada. Tive receio de que começasse a chorar ali mesmo.

Sem dúvida era devido a tudo o que estava acontecendo com Rosa que os meus sentimentos em relação a Alberto achavam-se alterados. Sentia mais fortemente uma enorme distância entre nós e, certamente, estes sentimentos tornavam-no inseguro. Aquela roupa velha e meio encardida atrapalhava mais ainda. Eu havia comprado belas calças e camisas para ele, mas não poderiam ser usadas no boteco. Diante dele, em silêncio, remoí o remorso de não ter procurado uma melhor colocação. Mas o que poderia fazer? As alternativas eram poucas: ser vendedor podia ser uma, embora, decididamente não tivesse jeito. Também, detestava estudar. A sua vocação – e isto era claro para mim – era tornar-se uma esposa do tipo antigo: cuidar da casa, cuidar de si para ficar bela e esperar à noite o marido. E isto, certamente, eu não queria. A minha relação com Júlia estivera, em um certo sentido, próximo das minhas pretensões ideais. Uma pena que faltara amor no grau mínimo necessário.

Ficar parado no meio da rua, sem ter o que dizer, não faria bem a nenhum de nós. Alegando um compromisso urgente no banco, despedi-me, dizendo que estaria em casa o mais tardar às onze horas. Isto me deixaria com tempo para voltar para casa até meia-noite, sem causar grandes transtornos. Sabia, no entanto, que, lá chegando, encontraria Alberto imerso em tristeza e, da parte de Cláudia uma agressividade que ultimamente tornava-se crescente.

Não tinha muito o que fazer naquela tarde, e passei quase o tempo todo pensando em Rosa. Sentia um misto de alegria e tristeza por tê-la encontrado, e em certos momentos pretendia não vê-la mais e, em outros, pensava em acabar

com Alberto. Lamentava-me então do trauma que antigamente causava o rompimento em um período bem próximo ao casamento. Às vezes dava em suicídio – da noiva em geral – ou então uma espécie de desistência em relação à vida. Via Alberto sentindo-se desgraçado e cada vez mais degradando-se na prostituição em que estivera envolvido quando o conheci.

No final da tarde, momentos antes do encontro com Rosa, consegui livrar a minha cabeça destes pensamentos. Fui ao encontro dela sentindo-me feliz e achando até que havia um ar de alegria ou de vibração positiva na cidade. Quando ia me aproximando do prédio em que ficava o seu escritório, vi-a conversando com um senhor de uns sessenta anos, e a impressão que tive era de que não se tratava de uma mera conversa de fim de expediente. Senti-me dividido entre apressar o passo e tomá-los de surpresa, ou então esconder-me. Terminaram a conversa quando eu estava a uns dez metros e Rosa já tinha me visto. Quando nos beijamos, no rosto e não na boca, achei que o pensamento dela não estava em nós dois.

Lutei em vão contra essa sensação de distância; achava, porém, que não era uma simples impressão. Ela estava realmente distante. Tive vontade de reclamar a sua atenção, mas não me achei no direito, já que a conhecia havia tão pouco tempo. Propus que jantássemos em algum restaurante. Ela não aceitou, dizendo que tinha mandado a sua empregada preparar um jantar muito gostoso. Fomos na direção do estacionamento e, andando pela rua, quase não trocamos palavras. No carro, o silêncio manteve-se e, quase chegando ao seu apartamento, ela me perguntou se eu era casado. A pergunta inicialmente tranquilizou-me. Ela estava o tempo todo a pensar em mim. Depois, fiquei embaraçado em relação à resposta. Não pretendia mentir, e também via que não era o momento de contar o que realmente estava acontecendo.

Respondi que morava com uma pessoa. Ela não pediu detalhes. Poderia ter ficado nisso, mas senti o impulso de contar mais coisas. Disse-lhe a verdade: que tudo ia bem até conhecê-la. Ela sorriu, beijou-me o rosto e continuou em silêncio.

Não tive de estacionar muito longe de seu prédio. Andamos um pouco a pé e, a poucos metros da entrada do edifício, um rapaz de menos de trinta anos e muito bem vestido postou-se na nossa frente. Rosa parou e ele foi logo dizendo que a estava procurando havia dias e que ligava para o trabalho dela e nunca lhe conseguia falar. Ela mentiu dizendo que não estava indo para o trabalho e o rapaz, dirigindo-se a mim, disse que eu viveria a mesma coisa: que me apaixonaria por ela e que seria logo trocado por outro. Não esperou a resposta ou a reação de Rosa. Desviou-se de nós e afastou-se rapidamente.

Rosa não disse nada e percebi que tremia um pouco quando entramos no prédio. No elevador, disse apenas que Lauro, o nome do rapaz, era uma pessoa muito perturbada e que fora uma experiência de andar com um homem mais jovem, vendo que não dava certo. Já em casa, disse que iria tomar um banho rápido. Fiquei na sala, dando uma espiada no jornal, quando o telefone tocou. Ela gritou do chuveiro para que eu atendesse.

Era um homem que me chamou pelo nome e disse ser o Oliveira. Falou que Rosa me elogiara muito e que gostaria de estar comigo em breve. Ele pediu para que Rosa ligasse logo que terminasse o banho. Imaginei que devia ser aquele senhor mais ou menos idoso com quem ela estava falando quando fui pegá-la ao final do expediente. Acertara. E Rosa não fez qualquer segredo sobre quem era Oliveira.

Quando ela tinha vindo à sala, enrolada na toalha, tomei-a nos meus braços e pretendi consumir tudo por ali mesmo. Ela me pediu calma, dizendo que tudo devia seguir uma ordem e, portanto, começaríamos pelo jantar. Ela havia prometido um jantar muito bem feito e aquilo que esquentou e trouxemos para a mesa agredia o nosso paladar. Era um risoto de camarão insuportavelmente salgado, uma salada de alface encharcada de vinagre. Rosa desculpou-se e disse que a empregada de vez em quando enlouquecia por alguma razão e resultava nisto. Propus que saíssemos para jantar, mas acabamos achando melhor pedir alguma coisa pelo telefone. Ficamos a beber e comer uns biscoitinhos enquanto esperávamos. Foi aí que soube quem era Oliveira.

Rosa contou-me que não era filha de nenhum fazendeiro no Paraná. Não conhecia o pai e sua mãe vivia sempre com muita dificuldade. Aos dezoito anos, com o primário incompleto, resolvera ir embora do interior e foi diretamente para São Paulo. Conseguiu um emprego em uma lanchonete. O que ganhava mal dava para morar e vestir-se e ela pretendia estudar. Viu que só a prostituição poderia resolver o problema e começou a tentar, com algum sucesso. Felizmente, um dos primeiros fregueses foi Oliveira, que era casado e comerciante do ramo de objetos de borracha. Oliveira como que a adotou. Alugou-lhe um apartamento e pagou os seus estudos. Em oito anos, ela se formara em psicologia.

No meio do relato de Rosa, o jantar chegou. Estava apenas razoável, mas diante de nossa fome e do desastre anterior, tornou-se muito saboroso. Soube então que Oliveira aceitava que ela tivesse não apenas namorados, como também a ajudara nos dois casamentos. Eu quis saber o que ele exigia em troca e ela disse: amor e atenção.

Bem alimentado e relaxado, resolvi conversar descontraidamente. Rosa também mostrou novamente as suas maneiras encantadoras e fiquei a admirá-la, pois o seu esforço para educar-se tão tardiamente não deixara lacunas, como é costumeiro nestes casos. Contou-me também que fizera muitos anos de análise, paga pelo Oliveira, o que me fez entender ao menos em parte a agudeza de suas percepções.

Já eram mais de dez horas e eu sabia que caso não fôssemos logo para a cama, vararíamos a madrugada. Atirei-me sobre ela, que retribuiu com beijos ardentes e com algumas mordidas bastante furiosas. Eu quis levá-la para o tapete da sala. Ela disse preferir o quarto, porque o tapete não era suficientemente espesso e ela se machucaria. Na cama de seu quarto, repetimos toda aquela intensidade que eu conhecia e cada vez mais desejava.

Quando havíamos chegado ao quarto, a luz estava intensa. Enquanto nos preparávamos para mais ação, eu falei sobre a luz e ela apagou-a, acendendo depois um abajur, de modo que tudo ficou numa quase penumbra. E foi nesta luz quase mortiça que nos incendiámos novamente e, como já se tornava um hábito,

a intensidade havia crescido. E foi no meio de tudo isto que vi, como se fosse uma alucinação – realmente pensei a princípio que fosse realmente: um homem fumando um charuto sentado em uma banqueta e nos apreciando. Não liguei e prossegui na minha busca de prazer. Entretanto, comecei realmente a sentir a presença de uma terceira pessoa no quarto.

Interrompi tudo com uma naturalidade que me espantou, perguntei-lhe quem era. Ele deu um sorriso e quem respondeu foi Rosa, dizendo que se tratava do Oliveira.

Ele disse que gostaria de me apertar a mão, mas que, naquela situação, não seria recomendável. Falou que eu deveria ficar tranquilo e continuar, porque ele só estava ali para assistir. Apontou o próprio sexo e disse que desde muitos anos não dava sinal de vida, admitindo que, mesmo quando dispunha da plena capacidade, mostrava uma preferência pela percepção visual.

Não havia dúvida de que Rosa estava acostumada com tal situação. Ela me abraçou e pretendeu continuar tudo como se nada estivesse acontecendo. Desafortunadamente, eu me encontrava absolutamente incapaz de reagir e pedi para parar. Oliveira levantou-se e veio até a borda da cama, dizendo que iria sair do quarto, para que eu ficasse mais à vontade. Ele saiu e tentamos outra vez. Sem sucesso, a princípio. Depois de algum tempo, como que conseguindo esquecer da situação, voltei a me sentir atraído por Rosa e recomeçamos. E tudo se repetiu: não demorou muito e Oliveira estava no banquinho, com a mesma atenção e o mesmo charuto.

Interrompi, perguntando a Rosa se sempre teríamos de contar com a presença de Oliveira. Ela disse que se tratava de um acordo para a vida inteira: ele teria sempre a chave da casa dela, com o direito de entrar e assistir ao que quisesse.

O que se seguiu foi uma pequena, mas intensa negociação. Rosa mostrava-se sincera: queria ficar comigo, pois tinha realmente gostado de mim. Entretanto, ela teria de aceitar sempre o Oliveira, que propôs que nos primeiros meses ficaria olhando pela fechadura ou por uma fresta da porta entreaberta. Disse que isto poderia durar de seis meses a um ano, e que logo eu me acostumaria. Contou até

o caso do primeiro marido de Rosa, que apresentava a mesma dificuldade, e que depois de três meses chegou a um ponto de não sentir o mesmo prazer sem o Oliveira.

Disse-lhe que iria pensar e que estava no momento bastante atordoado. Não especialmente pela situação triangular, que é reconhecidamente comum, e sim pelas atitudes e sentimentos presentes. Assim, Rosa não deixava de ser em nenhum momento amorosa, pois a presença de Oliveira não a inibia. E Oliveira dirigia-se a mim com se estivesse tentando tornar-me razoável. Até disse que houve anteriormente um rapaz – que Rosa logo explicou que era Lauro, aquele que tínhamos encontrado na rua –, que não aceitara a proposta. Ele era, entretanto, bem mais novo do que eu, e, alegava Oliveira, tinha eu idade suficiente para compreender as coisas.

Disse que iria pensar e dirigi-me ao banheiro para tomar um banho. Rosa acompanhou-me, entrando no chuveiro comigo, ensaboando-me e depois enxugando-me. Ao vestir-me, contei com a ajuda de Oliveira que, fazendo-se passar por um *valet de chambre*, ajudou-me a colocar o paletó. Os dois levaram-me à porta e pediram que eu pensasse bem e que aguardavam uma resposta no dia seguinte.

A caminho de casa, pensei que estava sendo muito rígido. Que grande diferença havia entre a minha relação com Alberto a proposta de Rosa e de Oliveira? À luz das normas mais convencionais das décadas recentes as duas constituíam transgressões da mesma intensidade.

Entretanto, eu pendia na direção de Alberto: eu o sentia como realmente meu, enquanto não desejava partilhar Rosa com o Oliveira. Quantos anos levaria para que a minha relação com ela tivesse mais peso do que a que mantinha com o seu protetor? Não sabia.

Antes de tudo, começava a perceber que o que estivera acontecendo entre Rosa e mim apenas servira para perturbar o que havia de melhor entre mim e Alberto. Percebi que havia algo de destrutivo, a impedir que a nossa felicidade se consumasse na cerimônia de casamento marcada para dali a dois dias. Resolvi

afinal que no dia seguinte telefonaria a Rosa, dizendo que não estava disposto senão a uma amizade.

Precisávamos, inclusive, manter contato por causa do filho de Alberto. Mais tarde, contaria a ela tudo sobre a minha relação com Alberto.

Foi em um estado de espírito amoroso e construtivo que abri a porta de casa e encontrei Alberto chorando convulsivamente, tendo começado a berrar tão logo me viu. E veio ameaçando na minha direção, acusando-me de traí-lo exatamente a dois dias do casório. Ouvi tudo isto bastante amedrontado, dada a relativa desproporção entre nossos dois físicos e achando que ele sabia alguma coisa sobre a minha relação com Rosa.

Alberto pôs-se a gritar entre soluços que eu era um fingido e que andava com ela pela cidade e que lhe tinham contado tudo. Perguntou o que ela tinha que ele, Alberto, não podia me dar.

Nada respondi. Achei lamentável que a história tivesse chegado aos ouvidos de Alberto exatamente quando tudo estava por terminar. Entretanto, a comparação que ele fez soou-me estranha e resolvi enfrentar a situação, perguntando-lhe quem era esta pessoa a que ele estava se referindo.

Aparentemente, a minha reação acalmou-o, e ele enxugou as lágrimas do rosto com o vestido que ficou borrado de rímel e *rouge*, que adorava usar. Sentou-se no sofá e, apenas com uma pontinha de choro disse que Cláudia tinha me visto com um travesti chamado Lucia Helena. Perguntei-lhe como era Lucia Helena e a descrição coincidia exatamente com Rosa.

Resolvi então esclarecer, contando uma parte da verdade. Disse a Alberto que não se tratava de nenhum travesti mas de uma mulher, Rosa, que trabalhava na instituição em que iria com o seu filho. Disse que se ele quisesse eu o levaria até lá para conhecê-la.

Estas palavras, juntamente com o carinho e a ternura com o que o tratei naquela noite e nos dias seguintes foram bastantes para reconstituir a nossa felicidade comum que, felizmente, não fora senão ligeiramente abalada. Na quarta à noite fomos à casa da mãe de Alberto para ver se tudo estava bem e voltamos

de lá certos de que a festa de casamento seria um grande momento em nossas vidas. Na sexta-feira de noite fomos pegar o vestido de noiva na costureira. Estava pronto e perfeito.

Tivemos realmente um ligeiro desentendimento na volta. Alberto queria sair vestido de noiva de casa e eu achava mais conveniente que trocasse de roupa lá na festa. Eu aleguei que o vestido poderia sujar-se na viagem. A verdade é que eu não me sentiria perfeitamente bem ao viver esta situação. Entretanto, para não brigar e para tentar superar definitivamente os meus preconceitos, respirei fundo e aceitei a vontade de Alberto.

Foi na sexta à noite que Alberto voltou a falar sobre o padre. Eu não tinha esquecido e continuava temeroso de que o padre Romeu não aparecesse. Contei a Alberto sobre os meus contatos com o padre Romeu, sem entrar em detalhes sobre a sua personalidade. Disse-lhe, porém, que o padre não era absolutamente uma pessoa normal e Alberto concordou que dificilmente uma pessoa normal realizaria este casamento.

Alegando ter de comprar cigarro fui até um orelhão para ligar para o ator Mario César, lembrando-o do compromisso. Felizmente ele estava em casa e não tinha o que fazer no sábado. Além disso, estava desempregado e o cachê que lhe prometi melhoraria um pouco a sua situação. Contei-lhe sobre o padre Romeu, para que compusesse um personagem semelhante e que ficasse de sobreaviso, porque se até as oito e meia da noite o padre não aparecesse, eu lhe telefonaria.

Alberto acordou no sábado tão tranquilo quanto eu. No dia anterior eu havia telefonado para Rosa, dizendo que não aceitava os termos que me haviam sido propostos, dispondo-me, porém, a uma amizade. Ela disse que esperaria, pois estava certa de que eu mudaria de ideia. Depois desse telefonema, a imagem de Rosa sumiu completamente de minha cabeça.

Alberto passou o dia em casa, onde apenas Cláudia estava nervoso. Era como se fosse ele que estivesse por casar-se. Fui só à praia pelo meio-dia e, como o mar estivesse calmo e as águas quase mornas, fiquei longamente no quebra-mar pensando sobre tudo o que tinha acontecido e estava por acontecer. De lá vi

passar Júlia, que tive vontade de chamar e contar tudo e, quem sabe, convidá-la para o casório. Seria engraçado, e ela certamente iria. Resolvi então não mais gritar por ela: já que não a conseguia odiar, ao menos deveria procurar não estar nunca mais com ela. Logo em seguida, passou o Odisseu, a quem eu não via por muito tempo, embora soubesse que ele era atualmente produtor de *shows gays*. Achava uma curiosa coincidência encontrá-lo exatamente no dia do meu casamento, pois na turma do ginásio era eu o líder dos que, percebendo claramente a sua vocação sexual, espicaçava-o sem dó. Chamei-o.

Odisseu, ao que parece, não me reconheceu ao longe, mas veio na minha direção. Quando percebeu quem eu era, fez uma cara de contrafeito e cumprimentou-me. Perguntei-lhe como ia e ele não parecia disposto a muita conversa. Resolvi, então, dizer-lhe logo que estava para casar-me no mesmo dia com um homem e que o destino era realmente irônico. Ele me olhou furioso e, meio gaguejando, mandou-me à merda, perguntando por que eu não tinha mudado nestes anos todos e dizendo que eu devia ser mesmo um doente mental. Virou as costas e foi-se.

Achei engraçado o meu equivoco e continuei ainda dentro d'água por quase uma hora, quando fui para a areia e deitei-me sob o sol bem quente. Fiquei por lá mais algum tempo, quando por algumas vezes veio-me a vontade de não ir a casamento algum. Achei este pensamento absolutamente natural, fosse qual fosse o sexo envolvido no matrimônio. Ri-me desta vontade de não casar e, ainda achando tudo engraçado, fui para casa.

Acho que nunca vi Alberto tão feliz como naquela tarde. Acho que poucos de nós, seres humanos, temos a condição de realizar plenamente algum sonho. Sempre há uma faceta que não coincide. Confesso que cheguei a invejar a felicidade de Alberto, que logo depois do almoço quis ir para o quarto comigo, tendo por objetivo algumas intimidades. Para turvar um pouco a sua felicidade, recusei, dizendo que isto só depois do casamento, à noite. Ele riu muito e aceitou a ideia.

[INTERROMPIDO].